Ressonância de papel

Alana Drizié Bonzatti dos Santos • Felipe Augusto Souza Morais • Maria Clara da Silva

Alana Driziê Gonzatti dos Santos

Felipe Augusto Souza Morais

Maria Clara da Silva

(Orgs.)

Ressonância de papel

Macau

2019

Organizadores

Alana Driziê Gonzatti dos Santos é professora de língua portuguesa e literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) Campus Macau e doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Felipe Augusto Souza Morais é aluno do curso Técnico Integrado de Informática, do IFRN - Campus Macau (2018 - 2021). Aos seus dezesseis anos foi bolsista de pesquisa (projeto física eletrizante - 2018.1), atualmente é estagiário na empresa Salinor e aspirante da carreira diplomática.

Maria Clara da Silva é estudante do curso Técnico Integrado de Química, do IFRN-Campus Macau. Aos dezesseis anos está no segundo período do curso, preparando-se para uma faculdade de nível superior no ramo da Ciência.

Apoio

Adna Queiroz da Silva

Amanda Beatriz da Costa Presotto

Ana Beatriz Silva dos Santos

Ana Claudia de Melo Siqueira

Angela Maria dos Santos

Ely Jhon da Silva Bezerra

Evelyn Rebeca Soares Olinto Ferreira

Flávia Ariane da Cunha Melo

Joanny Priscila Silva Costa

José Gabriel Nascimento Maurício

Josenilson Pereira da Silva

Maria Ellena Gomes Mendes

Lara Yasmin Santos Souza

Lilian Mhaysa Araújo da Silva

Marcos Lucas Alves da Costa

Rafael Azevedo Galvão de Lima

Rianderson Kaio Nascimento Barros

Roberto de Souza Teixeira Junior

Thaynan Ellen de França Barbosa

Vitória Gabriely Oliveira de Brito

Revisão linguística

Anna Carolina Utida Lopes

Cleiton Duarte de Melo

Eric Eduardo Alves Azevedo

Isaque Carlos Brazão da Silva

Jonatham Wanderson Bezerra S. de Oliveira

Rita de Cássia Felipe Lopes

Roberta Kívia Oliveira da Silva

Daniele Cristina Freire de Lelis

Gabriel Duarte Florentino Diniz

Jeimison do Nascimento Silva

Luís Henrique de Souza Ferreira A. Peres

Ilustrações

Eric Eduardo Alves Azevedo

Jonatham Wanderson Bezerra S. de Oliveira

Lucas Marcel Silva de Brito

Maria Clara Fernandes de Oliveira

Ádria Katriny da Silva Barbosa

Aylla Maria da Silva Rodrigues

Daniele Cristina Freire de Lelis

Monalisa de Melo Mendonça

Diagramação

Alunos das turmas de 2º ano dos cursos técnico integrados em nível médio de Química e Informática – IFRN Campus Macau (2019)

Prefácio

O **amor** é algo confuso e maravilhoso, né? Que em um momento te dá segurança e, no outro, te faz perder o chão, e a pessoa que te faz mais feliz pode te fazer a pessoa mais triste do mundo, mas, apesar das confusões, amar é algo incrível, nos traz vivências que transformam a forma de como enxergamos a vida, independente de quanto tempo o amor dure todos vão ser vividos intensamente da maneira mais maravilhosa e perfeita que existe mesmo que ele dure só um pouquinho, algumas obras deste livro tratam sobre isso, cada amor é único, seja ele um amor passageiro, um amor proibido, ou até mesmo um amor não vivido. Amor é para sentir, e não para ser explicado!

A **vida**, cheia de confusões, rotinas, exaustão, preconceito, sorrisos, momentos. Momentos esses que tornam a vida boa ou ruim, a depender do ângulo que está a olhar a vida, a vida é tão boa para aquele que a encara como uma aventura e tão ruim para aqueles que tentam todos os dias lidar, mesmo sem saber, com a pressão de viver em um mundo onde o preconceito, a opressão e o peso de ser perfeito para uma sociedade que a cada dia se perde em seus próprios passos. As obras da última seção retratam a realidade do viver em diversos ângulos, portanto, mesmo que a vida embaralhe, só consiga ver o vidro empoeirado, mantenha a esperança na conquista que poucos alcançaram mas que terás forças para alcançar, seja o otimista que consegue ver o copo completamente cheio, metade líquido, metade gasoso e onde parecer vazio ainda terá algo de bom a viver.

Alguns **fins** são tristes e trágicos, deixam você abalado, outros mostram que você precisava se desprender daquilo e se libertar, alguns contos deste livro tratam sobre isso, o fim da vida como forma de liberdade e o fim de monumentos e da vida de pessoas históricas. No fim, precisamos dele (o fim) para recomeçar e aprender cada vez mais. Os fins são sempre necessários.

Débora Jasminy Costa Almeida
Lívia Rízia da Rocha Silva
Yassamim da Cunha Farias

Sumário

DO AMOR **9**

1. Olhos Escuros 10
2. As crônicas do ficar e o ir da gente 12
3. Amor à primeira Vista 14
4. Amor 16
5. Amor: Uma Eternidade Finita 18
6. Quando o Amor Chegou 20
7. Flores e Laços (Sobre o Caio) 22

DO MISTÉRIO **25**

8. O Frio de Inverno 26
9. Efeito Borboleta 30
10. As Estrelas Esquecidas..... 34
11. Em Busca de Almas 36
12. Late Night Thinking About…..... 40
13. O Ofício 43
14. Quem Você Menos Espera 46
15. The End 50
16. A Guerra dos Inocentes 54
17. O Mistério de um Sorriso 56

DO FIM **61**

18. Mais Uma Vez 62
19. A Pílula 64
20. Da História Para as Cinzas 66
21. O Assassino Sobrevivente 68

DA VIDA **71**

22. Incerteza 72
23. Banco Da Praça 74
24. Chuvas Do Meio-Dia 76
25. Garota TPM 77
26. Esperança 82
27. Superstições 84
28. A Imperfeição De Uma Pessoa Perfeita 86

DO AMOR...

OLHOS ESCUROS

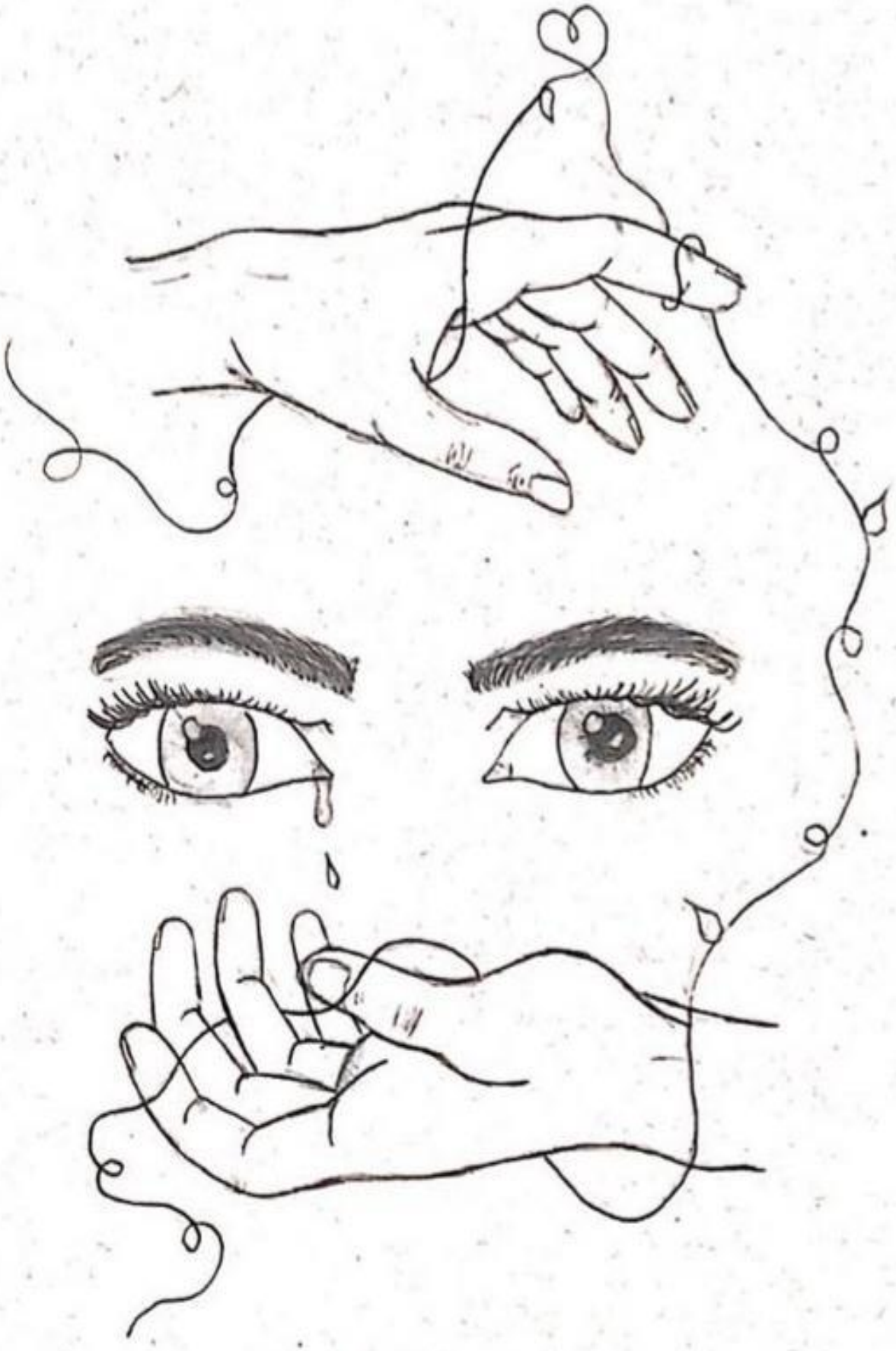
Jairo G.

Já faz três dias desde que me perdi naqueles olhos escuros e profundos, no sorriso bobo e inocente, atraído por sua voz doce e encantadora. Seus cabelos loiros refletem os raios solares, parecendo assim como uma estrela que produz uma luz própria, uma luz que encandeia até mesmo os mais densos dos corações.

Desde então, não consigo mais parar de pensar nela. Já fazia tempos que não sentia nada por alguém, pelo menos nada desse tipo. Duas palavras foram o suficiente para puxar-me a esse tufão de emoções e, desde então, tais palavras são lembradas docilmente em minha mente, enquanto navego nesse mar de sentimentos, sem sentido e direção, apenas com a esperança de chegar em terra firme, mesmo sabendo que irei afogar-me no caminho.

Amar é como saltar de um helicóptero sem paraquedas, nos libertamos, sorrimos e principalmente... Amamos! E, quando menos esperamos, chegamos ao chão e tudo isso acaba como em um piscar de olhos. Não importa a altura, sempre chegaremos ao chão.

Entretanto, não estou preocupado, pois estou caindo de olhos fechados e, mesmo sabendo que talvez já esteja chegando ao chão, fico feliz... feliz por amá-la. Talvez eu seja apenas mais um apaixonado ou, em outras palavras... Um tolo.



AS CRÔNICAS DO FICAR E O IR DA GENTE

Gabriel Duarte Florentino Diniz

Era manhã de um sábado. Levantei da cama com um aperto em meu peito, provavelmente era saudade que eu sentia. Saudade de certos momentos e certas promessas. Na noite passada, eu nunca havia presenciado tamanha comoção ao se ouvir um "até logo". Isso porque você se despede como se nunca fosse voltar e volta como se nunca tivesse se despedido. Haverá de se explicar o abraço que meus olhos deram nos seus. Sim, eu daria tudo para me alojar em seu peito e nunca mais sair. Qual a força que nos faz querer repetir os momentos de que sentimos falta se não a saudade?

Por muitas vezes, as pessoas acham que companhia significa segurança e, estar junto, significa ter tudo em mãos. Se acostumam com o sofrimento, aceitando, pouco por medo de perder. Mas um dia a gente aprende a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma. Aprenderá que o sol queima se você ficar exposto por muito tempo. Descobrirá também que corações machucados demoram para cicatrizar. O amor não oferece migalhas. Nem saudade.

A utilidade e o valor do amor são confundidos, ou, às vezes, alterados. Se aproveitam do seu real significado para ganhar vantagens individuais. Essa forma de amor só oferece migalhas, pois não é inteira. Aliás, seria, por acaso, que essa forma representa mesmo o amor?

Já era tarde. Todo o meu corpo ansiava pelo seu toque. Eu estava indo até você. "E como está a saudade?" Está sendo sentida com alegria, a cada passo que dou, ela diminuía. Via-se de longe o bem que a sua presença me causa.

Todos estão sendo tão incentivados à futilidade, ao superficial, ao líquido, que se torna ainda mais importante não perdermos de vista a marca profunda que a saudade imprime em nossas vidas: É nela que estão guardadas as coisas mais caras. Por mais que seja desacreditado, junto com a saudade, vem o amor. Sim, ele existe! Porque hoje mesmo eu o encontrei. Hoje mesmo eu o te vi pessoalmente.

AMOR À PRIMEIRA VISTA

Vitória Gabriely Oliveira de Brito

Subi no ônibus. Distraída, sentei-me em qualquer lugar. Levantei a cabeça para olhar ao redor. Parei. Era ele, eu tinha certeza de que era. Moreno, alto, bonito, charmoso. Subiu. Em pé, bem ao meu lado. Cheiroso, esqueci de citar esse detalhe.

Eu precisava mostrar a minha amiga que encontrei o amor da minha vida, no ônibus. Agora, a parte mais difícil, ele precisa saber disso, por enquanto, vou pesquisando um bom vestido de noiva, uma casa boa e grande para nossos futuros filhos, com um quintal, claro! O cachorro irá precisar de espaço. Quanto mais penso, mais me apaixono e organizo nosso futuro.

Levanto meu celular e tento tirar uma foto. Sou discreta, ou pelo menos tento. Envio para minha amiga e vou logo avisando para ela esperar o convite da grande festa de casamento que vamos fazer.

Minha nossa! Preciso falar logo com ele, não vou conseguir escolher o sabor do bolo sozinha. Vermelho ou branco para as flores? Estou louca, óbvio, quase esqueci da lua de mel. Estou decidida, vai ser agora, irei falar com ele. Quando meu braço se estica para chamar sua atenção. Para. O ônibus para. Ele desce e junto leva meu coração, deixei o amor da minha vida ir. Como vou decidir o local da festa agora?

AMOR

Maria Clara Fernandes de Oliveira

Aos meus 10 anos, já escutava: “Amor? Só homem com mulher!”. Nunca entendi direito essa afirmação, mesmo sendo um homem, amo meu cachorro, que de acordo com meu pai é descrito como o “homem de sua espécie”. Para mim, não fazia sentido! Como poderia haver amor apenas por homens com mulheres? Mas, afinal de contas, o que é amor? Perguntei-me isso durante alguns anos, tomando coragem para enfim perguntar isto a meu sábio pai. Ele definiu o mesmo da seguinte forma: “Gostar de alguém ao ponto de colocar as necessidades do outro acima das suas.”. Então, isso é o amor? Não cita nada sobre homens e mulheres! O que significava aquilo, afinal?

Aos meus 14 anos, descobri então o que queria realmente ser dito. Mas ainda não fazia nenhum sentido para mim. Ainda amava meu cachorro, mesmo ele sendo o “homem de sua espécie”. Passei então a observar os casais de homens e mulheres que se formava, era muito comum flagrá-los de mãos dadas nas ruas, “homens com mulheres”. O contrário era pouco provável, digo, “homens com homens” ou “mulheres com mulheres”. Perguntando a um dos casais como se sentiam em relação ao outro, recebi como resposta: “Eu o amo!”. Os casais que não seguiam o padrão “homem com mulher” pareciam recriminados, contaram-me então que se acreditava que eles não podiam amar. A definição me dada de amor não distinguia nada disso!

Aos meus 17 anos, entendi o que significava. Algumas pessoas só aceitavam amor em relações como “forma de homens com mulheres”, ou como também é conhecido, por pessoas heterossexuais. Não acredito muito nisso. Por que pessoas com orientações diferentes “não podem amar?”. Ainda amo meu pai, mesmo ele sendo homem, amo meu melhor amigo, amo os homens ao meu redor! Qual o problema nisso?

Aos meus 20 anos, conheci meu primeiro amor. O mais belo e puro, e eu o amava, como nunca amei meu pai, ou meu amigo. Talvez era desse amor que falavam. Um amor diferente de todos os outros. Mas, o mesmo ainda não era amor?

Talvez por não ser hétero, ou não ter uma relação “homem com mulher”, não posso amar? Sinto-me igual a todos, porém, apaixonado!

Aos meus 24 anos, casei-me com meu amor. Nunca me senti feliz como sinto-me atualmente! Lembro-me de quando percebi que amor é para todos e que isto não deve ser distinguido apenas em ser hétero, homossexual, bissexual ou algum outro sexual. Mas, sim, em como você prioriza aquela pessoa e acima de tudo luta pela felicidade dela.

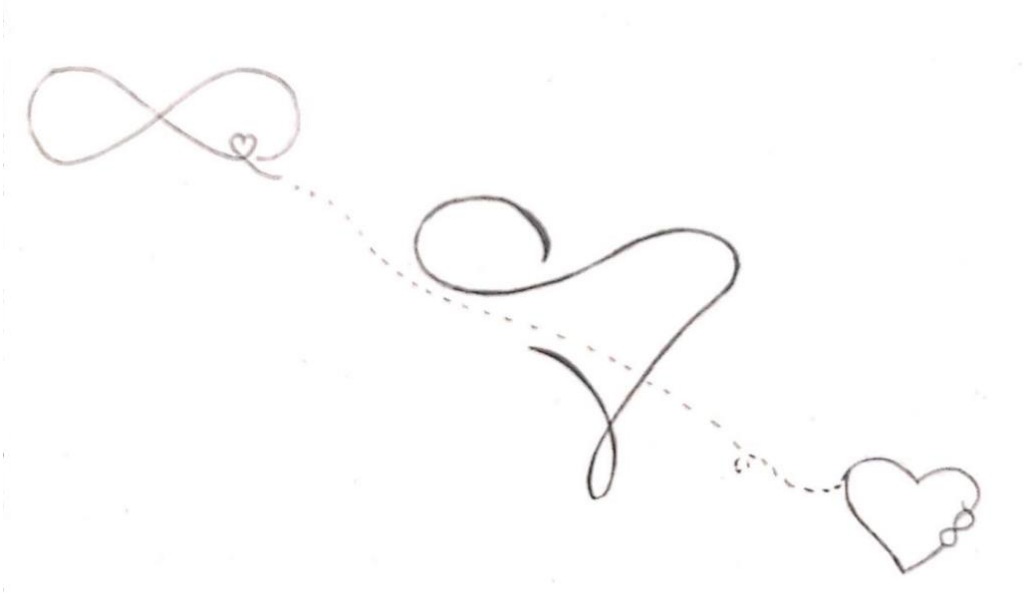
AMOR: UMA ETERNIDADE FINITA

Rafael Azevedo Galvão de Lima

Muitos dizem que o amor não se explica, apenas se sente, mas, para mim, o amor tinha forma, tinha nome, sobrenome, uma risada gostosa de escutar, além de ser uma ótima companhia nos finais de semana. O amor transformava os meus dias de uma forma como só ela sabia fazer e o amor, particularmente, adorava todas as minhas piadas sem graça. Tudo parecia perfeito, mas as circunstâncias mudaram, e o amor partiu de forma abrupta, sem ao menos se despedir e deixando para trás apenas uma grande saudade.

Agora, após ter sobrevivido ao caos que havia se instalado em minha vida, pergunto-me: "Teria sido, aquela experiência em particular, um amor?" Constato que sim. A vida, aos poucos, nos ensina que a ideia de que o amor dura para sempre talvez esteja um tanto quanto equivocada, pois o amor em si, independente do tempo que foi cultivado, se basta para ser e existir. Ele pode existir dentro do período de um ano ou dois, talvez ele dure apenas uma noite, ou quem sabe, se você tiver sorte, ele dure por uns 60 anos, em um casamento feliz, até que a morte, o nosso destino final, nos separe da pessoa que escolhemos compartilhar a nossa vida até o fim dos nossos dias.

Por isso, agradeço ao amor que tive, por cada momento e experiência que compartilhamos juntos, e para a próxima pessoa que está por vir e que ainda há de me encontrar, desejo ao nosso futuro amor as palavras de Vinicius de Morais: "Que não seja imortal, posto que é chama. Mas que seja infinito enquanto dure.".



QUANDO O AMOR CHEGOU

Kamilly Heloise Fernandes Gomes

Quando o amor bateu em minha porta, não houve aviso prévio, ele nem sequer comunicou, eu o senti chegar. Olhei o amor nos olhos, mas não o convidei para entrar, pois temia que bagunçasse minha morada, meus móveis, minhas roupas e meu coração. Entretanto, isso não o parou, inquieto, ele me puxou para seus braços e sussurrou em meu ouvido. Antes que eu pudesse me resguardar novamente o amor invadiu meu lar, rapidamente fez morada em meu coração.

Antes, vivendo em minha pequena bolha, sentia o assombro de permitir com que as palavras de meu visitante me fizesse viajar na utopia ilusória de alegria sem fim, mas ele sempre acabava me fazendo dançar desvairadamente por todos os cômodos, cantando melodias exorbitantes e acordando os vizinhos que não sabiam amar como nós. O amor não se importava com os vizinhos, nem em falar alto, em rir, chorar, deixar marcas e lembranças, pois estava sempre empenhado demais em me fazer crer que valiam a pena todas aquelas músicas, assim como todos os beijos e sorrisos que compartilhamos.

Em meu âmago, eu temia que meu amor partisse, pois, seu histórico de corações partidos era imenso. Ninguém passou por ele sem se ferir e todos que se feriram não esqueceram a dor, cicatrizes profundas marcam a pele que antes era tocada com afeto e lágrimas quentes mancham o rosto dos que ainda não superaram sua visita. E como temia sua partida, eu esperava minha vez, o momento em que iria acordar pela manhã e ele não mais estaria lá, sorrindo sereno. Mas era esse mesmo sorriso que me encantava a ser sua próxima vítima.

O amor me machucava às vezes, ríspido, certificava-se de que suas feridas fossem profundas o suficiente para que eu não pudesse curá-las. Mas eu sempre o perdoei, pois pensava que se ele me escolheu, seria muita tolice aborrecê-lo com meus protestos e exigências. E gradativamente eu me perdia nessa errônea epifania, nessa sensação equivocada de satisfação absoluta, porém, uma parte de minha mente agonizava em dúvida. Seria justo tudo aquilo? Ele seria mesmo o amor que tudo suportava? Quando, na verdade, a presença de meu hóspede o passou a ser a única razão para que abrisse meus olhos pela manhã, me fazendo duvidar da real importância do oxigênio comparada a importância de sua companhia.

Eu o queria, mas era lamentável que minha dependência nos fazia adoecer. Meu corpo necessitava dele, dessa vez já não me importando mais que fizesse de meu coração uma confusão tão emaranhada quanto meus cabelos. Eu esperava o amor partir, mas percebi que eu mesma teria que derrubar todas as paredes que o prendiam a mim.

FLORES E LAÇOS (Sobre o Caio)

Alana Driziê Gonzatti dos Santos

Eu e Caio andávamos de mãos dadas desde o momento em que aprendi a ver. Abri os olhos, e ele estava lá, colado a mim. Ele não me largava, eu não o deixava ir, não importa aonde ou quando. Até quando me mudei ele veio junto comigo. Eu amava – e adoro – as coisas que ele me conta: segredos, histórias e besteiras. Tantas besteiras... um dia, nós dois enrolados entre ramalhetes de girassóis, ele me falou assim:

- *Sei que pretendia dizer alguma coisa muito especial pra você, alguma coisa que faria você largar tudo e vir correndo me ver...*

Eu retruquei, sem entender nada:

- Como assim, Caio? Eu estou te vendo e estou aqui do seu lado, e tu não precisas dizer nada...

Ele se calou por uns instantes. Acho que ele estava seguindo meu conselho de deixar os silêncios ocuparem seu discurso. Mais alguns minutos de sol, e ele finalmente me responde:

- *Há uma porção de coisas minhas que você não sabe, e que precisaria saber para compreender todas as vezes que fugi de você e voltei e tornei a fugir...*

- Mas Caio, do que estás falando? Nós estamos sempre juntos, tu nunca fugiste de mim. E o que podes ter a me esconder, eu que estou contigo sempre e em todos os dias?

Nada. Imaginei que aquilo tudo era coisa de louco, que, meu Deus, todos estavam certos sobre ele. Pois é, diziam-me que ele era maluco, que falava coisas-sem-sentido, que gritava insanidades, mas eu não acreditava. Naquele momento, pensei, as palavras estavam o eixando parecer um l-o-u-c-o. Inquietei-me e saí correndo. Foi a primeira vez em anos que largamos a mão um do outro. Ele custou para me deixar ir, mas permitiu. Com um olhar, sem mais vocábulos. Corri para longe daquela plantação de girassóis, e lá fiquei por dias. Meses. Anos. Pensava, às vezes, até, que encontraria o Caio no meio de uma rua solitária, juntaríamos nossas mãos e nunca mais nos separaríamos de novo. E um dia, deparamo-nos em frente a uma floricultura, e eu soube, naquele momento, de tudo. E exclamei:

- Diga-me, diga-me algo que me faça largar tudo por ti. Diga-me tudo que preciso saber, para que tu não precises mais fingir...

- O que te dizer? Que te amo, que te esperarei um dia na rodoviária, num aeroporto, que te acredito, que consegues mexer dentro-dentro de mim. É tão pouco.

- Não creio não ter entendido antes tuas palavras... Sinto tanto por ter ido embora...

- Não te preocupa. O que acontece é sempre natural. Se a gente tiver que se encontrar, aqui ou na China, a gente se encontra. (...) E te espero. E te curto todos os dias. E te gosto. Muito.

Aquele momento não precisava de interpretações filosóficas no mundo biossocial antropocultural nem era loucura-insana nem nada do tipo. Era mãos dadas pro resto da vida. Era simplesmente... nas palavras do próprio Caio:

Remar.

Re-amar.

Amar.

~

**grifos em itálico constam na obra do saudoso Caio Fernando Abreu.*

DO MISTÉRIO...

O FRIO DE INVERNO

Rayssa Alyan Santos Lima Tibúrcio

No breu de uma noite, encontro-me sem destino, em uma noite de inverno. Sigo-me pensando: Oh, grande breu que habita meu coração, como deixaste que esse mundo se transformasse em uma profunda escuridão?! Oh, não! Oh, não! Preciso apressar-me! Não posso perder nenhum detalhe. A Cecília irá ficar muito orgulhosa de mim! Doce Cecília, só você me entende! Um dia você há de participar de uma das histórias que tanto elogias.

Em volta, enxergo apenas uma densa floresta coberta pela gélida neve. Escuto o som da floresta ao meu redor, confundo-me, será um fruto da minha imaginação? Sinto gotas de sangue caindo diante do meu corpo. Sento-me vagarosamente ao lado de um corpo caído no chão, observo cada detalhe e anoto em meu livro sombrio. Uma moça generosa, não? Graciosa até em seus gritos de desespero. Agora, seus gritos desesperadores se transformaram em um profundo e apavorante silêncio. A sua pele está pálida como a neve branca que a cerca e gelada como o frio congelante da floresta. O frio, como eu amo o frio! Volto para casa.

No caminho de casa, começa a nevar. Os flocos de neve caem sobre o corpo da moça que venho carregando comigo, o seu sangue começa a se misturar com a neve, enquanto a enterro sem deixar nenhum vestígio. Finalmente em casa, prestes a amanhecer, calmamente deito-me, aprecio o vento frio que ventila meu escuro quarto, logo verei a Cecília. Estou tão satisfeito! O meu livro está quase pronto, depois de tantas pessoas generosas e criativas que me cumprimentam com seus tristes gritos de desespero... Seus gritos soam com um ar de perfeição para o meu livro, mas ainda lhe falta um nome...

Sento-me sobre a cama e começo a pensar. Sinto uma breve sensação de insanidade percorrendo todo o meu corpo. Oh, não! Oh, céus! Que barulho insuportável! Calem-se! Calem-se imediatamente! O meu livro está ficando perfeito, digno de um escritor profissional, deixem-me pensar direito! Após tanto gritar contra as vozes, uma começou a agonizar em meu ouvido, como se viesse do breu que há em meu coração. “TOC-TOC”, bateram na porta. Pergunto-me: Será mais uma alma generosa que deseja participar do meu livro? Não. Eu reconheceria essa voz em qualquer lugar, o editor do meu livro! Mesmo com várias vozes falando em meu ouvido, pude ouvi-lo dizendo: “deixe-me ver seus manuscritos”.

Após olhar meu livro por completo, eu o chamo para um passeio no parque, mal posso esperar para contar sobre isso a Cecília! Ao longo do caminho, ele adiciona ideias ao meu livro. Penso em um rapaz cheio de vida e que rir muito, ele irá rir aos céus... Devo transformar seus risos eufóricos em gritos de dor e desespero! Finalmente no parque, vejo duas pessoas em um banco feito de mármore, esse cheiro... Eu o reconheceria mesmo com toda essa neve camuflando o doce odor de flores de primavera, CECÍLIA!

Despeço-me do editor que estava me acompanhando e vou entusiasmado contar a Cecília o que aconteceu, mas espera aí... A Cecília não está sozinha, quem está... A BEIJANDO?! Sinto um aperto em meu coração, como se ele estivesse se partindo em mil pedaços, assim como eu despedacei o coração das famílias de todas aquelas pessoas... Tento me mover, mas não consigo. Será que todas aquelas histórias foram feitas em vão? São tantos sentimentos passando diante de mim... E o pior, nenhum deles são felizes...

Sinto dificuldade em minha respiração, estou paralisando completamente. As vozes estão ficando cada vez mais altas... Estão tomando conta de mim? Não sei ao certo. Tudo em minha volta está tão devagar... Eu estou chorando?! Que coisa mais tosca e sem sentido! A última vez que vi essas lágrimas foram nos rostos dos familiares das pessoas que matei, enquanto eu sorria friamente “há, há, há”. Vejo que não preciso desses sentimentos insignificantes!

Oh, não! As vozes novamente, esse som... Está me enlouquecendo! Oh, não! Oh, não! Calem-se! Eu já disse para calarem a boca! Ah, entendo. Isso realmente dará uma bela história para o meu amargo livro. Logo, minhas lágrimas de tristeza param e eu começo a sorrir sarcasticamente em direção da minha amada Cecília, como se uma das vozes estivessem no comando de mim... Sinto a insanidade me consumindo por completo, à medida que eu vou me aproximando cautelosamente da Cecília e do rapaz. Grito em direção a eles: -Oh, isso renderá muitas bilheterias, o casalzinho aí também não acha?

Ouço o grito de desespero deles ficando cada vez mais longe... Por um segundo, com toda aquela insanidade e adrenalina correndo diante do meu corpo, vejo o sangue de Cecília se espalhando pelo branco da neve lentamente... Meu casaco branco, que agora se tornou vermelho, por causa do sangue das vítimas. Escuto a Cecília me pedindo perdão, mas suas palavras estão ficando cada vez mais longe, já não posso mais ouvi-la... Sem perder tempo, pego o meu livro e anoto detalhe por detalhe de suas palavras e choros de desespero. Escondo

os corpos sem deixar nenhum rastro e finalmente aquelas malditas vozes parecem ter ido embora para todo o sempre! Assim como a menina da pele fria, com um sorriso tão gentil...

Lembro-me de cada detalhe. Lembro-me de seu sorriso, toda vez que eu vinha em sua direção para mostrar minhas anotações. Bem como seus elogios, mesmo com todos ao meu redor não gostando de nada que eu escrevia. Oh! Minha querida Cecília... Como fizeste isso comigo?! Pergunto-me indignado. Sinto lágrimas caindo lentamente do meu rosto... São lágrimas de alegria? De tristeza? Não sei ao certo. (Caio lentamente de joelhos sobre a neve pela qual enterrei o rapaz e a Cecília).

Após algumas horas ajoelhado ali, sinto que as minhas lágrimas só aumentaram cada vez mais... Foi tudo pelo meu livro, não foi? Ou pela Cecília? Pergunto-me. Sinto que a partir de agora eu terei tudo com o sucesso do meu livro, excerto o seu amor por mim... (Já deitado sobre a neve), sinto uma geada em meu coração... Vozes de todos que matei, por favor, me digam, foram vocês que criaram esse profundo breu em meu coração? Sinto um forte som vindo dos meus ouvidos até percorrer todo o meu corpo... Como se as vozes tivessem controle sobre mim. Já não tenho forças para mandá-las se calarem...

As vozes me dizem para preencher meus sentimentos com gritos de dor. Dessa vez, eu sinto que esses gritos serão os meus. (Com o livro sobre meu corpo), preciso dar-lhe um nome, antes do meu último suspiro neste amargo mundo. Estou perdendo minha consciência... As vozes estão agonizando em meus ouvidos, oh, não! Oh, não! Preciso terminar de escrevê-lo! Desespero-me. Seu nome será... “O frio de inverno!” Em homenagem a todos os corpos cheios de sangue, que, ao passar dos dias ficaram frios, como o meu doce inver... Sem que eu terminasse, sinto um silêncio profundo. Tudo está tão escuro... As vozes, sem ao menos pedir, tomaram controle de mim.

EFEITO BORBOLETA

Eric Eduardo Alves Azevedo

Jack acordou com o barulho do alarme, às seis horas da manhã, um pouco cansado e pensativo. Tomou o café da manhã e se arrumou para pegar o ônibus da escola. Conversou com alguns amigos no caminho e observou a cidade pela janela durante o percurso.

Jack estava no terceiro ano do ensino médio. É um adolescente de dezenove anos, que mora sozinho, mas é sustentado por seus pais que vivem viajando a trabalho. Jack tinha a aparência de uma pessoa cansada, pois dormia pouco, não porque sofria de insônia, mas para que a sua vida fosse um pouco mais interessante. É como ter que assistir um filme chato pela segunda vez, é um pouco desestimulante. E é quase isso que acontece com Jack. Algum tempo atrás ele percebeu que tudo que sonhava acontecia no dia seguinte. No início ele achava isso o máximo, pois podia prever tudo que iria acontecer no dia seguinte. Não era a toa que seus colegas o chamavam de garoto do tempo. Muitas pessoas o adoravam por conta dessa habilidade, outras falavam que era pura sorte.

A consequência que Jack mais gostava era o fato de sonhar com o prova da escola que faria no dia seguinte. E assim foi nomeado como aluno exemplar de toda a escola, uma premiação que dão a um aluno que terá notas boas e ajuda em outras questões escolares. O boletim de Jack continha apenas número de 90 a 100.

Hoje em dia, todos estão acostumados com esse “poder” de Jack. Muitas pessoas o rejeitavam e criticavam pois consideravam seu poder como uma forma de trapacear em competições ou jogos escolares. Além disso, as vezes aconteciam episódios aterrorizantes em sua vida, mas ele previa-os em seus sonhos e na realidade tomava caminhos diferentes, para evitar esses acontecimentos. Com isso, ele percebeu que quanto mais “desobedecia” aos sonhos mais coisas ruins aconteciam na realidade. Ele começou a desconfiar que isso era uma maldição.

Jack passou uma noite toda sem dormir, com medo do que poderia sonhar, até que chegou uma hora em que não dava mais para manter os olhos abertos. O café e os remédios que tomava já não faziam mais efeito.

Em uma determinada noite, Jack sonhou que estava no pátio da escola lanchando e conversando com alguns dos seus colegas. Enquanto isso ele observou uma menina que estava atrás de uma grade, fora da escola. Ela parecia estar o observando de longe. ele não conseguia ver o seu rosto direito. Jack se aproximou, mas assim que se levantou a menina se virou e saiu correndo.

Jack acordou às seis horas da manhã no dia seguinte e se arrumou para ir para a escola. Ele tenta ter uma vida normal. Mas depois da noite em que sonhou com a menina que o observava, ela sempre aparecia em todos os seus sonhos. Certa vez sonhou que ela estava batendo em sua porta. Jack acordou para ver quem era, mas não havia ninguém, apenas uma menina a uns 100 metros de distância da casa, andando apressadamente.

O mais estranho disso tudo é que ele nunca consegue encontrar essa menina na realidade, não importa o quanto ele se esforce para seguir rigorosamente o sonho. Isso deixava-o louco. A única coisa que ele queria era entender o que significava tudo isso, o porquê que os sonhos dele eram meio que uma prévia do dia seguinte, e que se ele não o seguir aconteceria algo ruim. Mas ele está seguindo e mesmo assim não encontra essa menina, nem ao menos consegue ver seu rosto. Parecia realmente uma maldição.

No fim de semana, Jack tenta, incansavelmente, procurar essa menina mais uma vez, e como sempre, sem sucesso. Faz dias que Jack não vai para a escola. Voltou a tomar remédios para não dormir, chegou até a experimentar algumas bebidas energéticas e a comer todo tipo de comida, para que ficasse com energia. No fim das contas ele ficou com uma infecção intestinal, e agora tem insônia. Ele não para de pensar na menina que aparecia em seus sonhos.

Ele ainda lembra de um sonho que teve onde chegou próximo à menina, mas ainda não conseguia ver seu rosto. Ele percebeu um nome que havia na parte de trás da blusa branca que ela usava. Estava escrito: Emma. Talvez esse fosse o nome dela. Jack não sabe o porquê esse nome não sai da sua cabeça, só sabe que precisa esquecê-lo, de alguma maneira.

Amanheceu chovendo. Jack só ouvia o barulho dos pingos de chuva no telhado. Ele estava cansado, mas não conseguia dormir, não conseguia esquecer Emma. Talvez se ele ao menos soubesse quem ela é aumentaria um pouco sua autoestima, ou não.

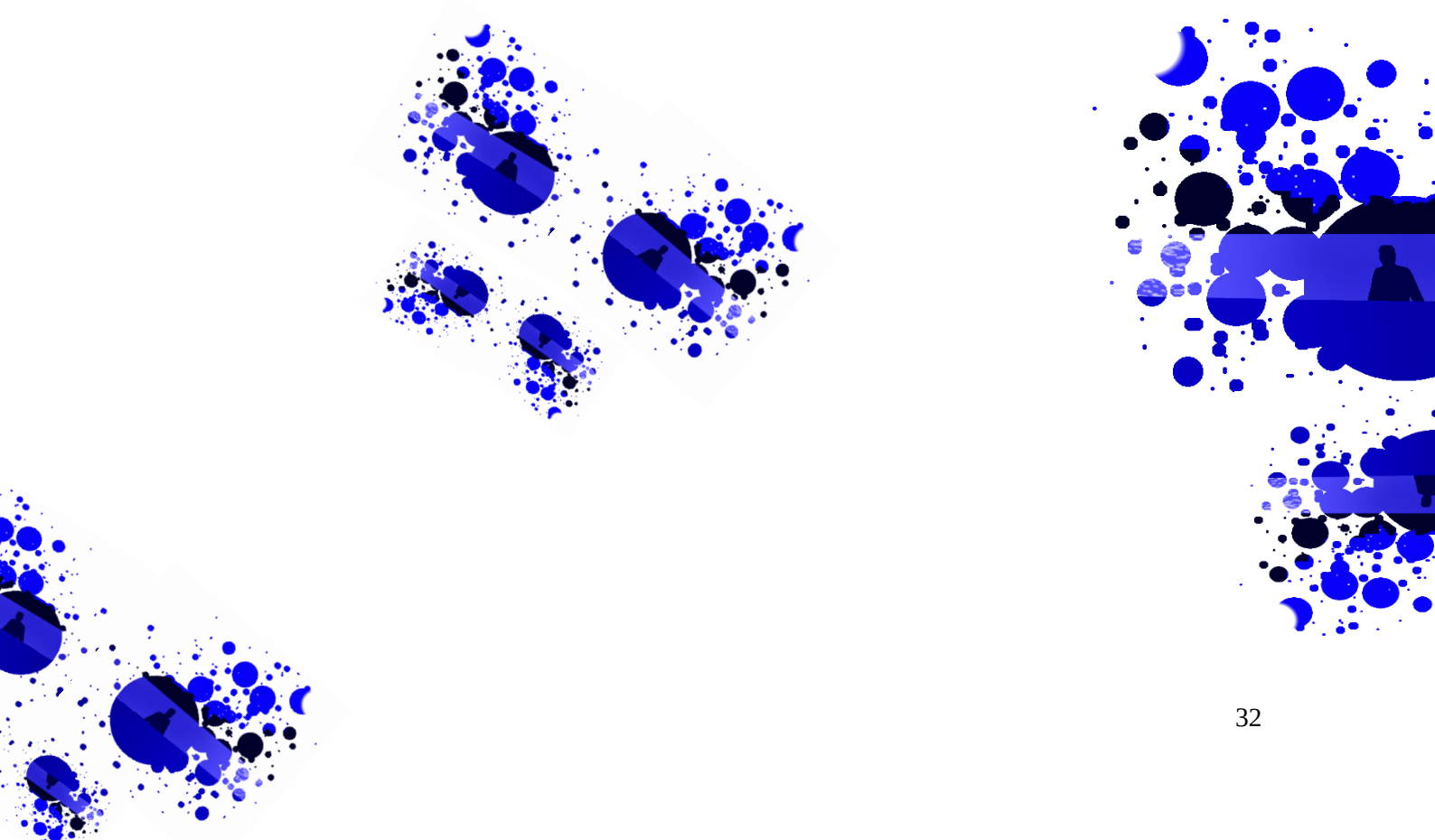
Nesse dia, Jack colocou um casaco e saiu para andar depois de cinco dias dentro de casa. Ele coloca um pouco de comida na bolsa que leva junto com alguns talheres, para fazer um piquenique, próximo a um rio que tem perto de onde mora. Ao chegar lá admirou o céu

cinzento por conta da chuva. enquanto olhava o céu, pensava nas coisas que estavam acontecendo.

Durante um longo tempo pensando em tudo isso, a única opção que encontrou foi tirar a própria vida. E assim fez. Jack começou a se cortar com a faca que havia trazido, enquanto a chuva fazia o sangue se espalhar na areia próximo ao rio.

Pouco tempo depois, uma garota em um carro o chamou. Depois ela percebeu que havia muito sangue próximo e saiu do carro para ajudá-lo. Jack tinha perdido muito sangue e estava muito fraco. Ela tentou chamar alguma ambulância próxima, mas o sinal de telefone estava muito fraco por conta da chuva. Então ela tentou carregá-lo para o seu carro. Conseguiu colocar no banco traseiro. Depois dirigiu em direção a um hospital. Jack conseguiu perceber que no braço da menina havia uma tatuagem, com um nome escrito Emma. Ele imaginou que tudo aquilo fosse um sonho. Jack não conseguia demonstrar suas emoções pois estava muito fraco. Antes de chegar no hospital ele desmaiou.

Jack acordou com o barulho de um alarme, as seis horas da manhã. Acordou muito cansado e pensativo. Ficou muito confuso, sem saber se estava sonhando ou não, e, se fosse realmente um sonho, se seguiria ele ou se o ignorava e teria péssimas consequências. Ou se apenas ficasse na cama do seu quarto.



AS ESTRELAS ESQUECIDAS

Lucas Marcel Silva de Brito

Há muito tempo, acredita-se que uma estrela desceu do céu e abençoou um pequeno grupo com habilidades inexplicáveis. Por séculos, nosso povo se escondeu da humanidade, vivemos uma vida que não era nossa, negamos nossas habilidades e até aceitamos a escravidão, mas, mesmo enquanto vivíamos por esses seres patéticos e ignorantes, eles nunca se preocuparam com a própria existência e muito menos com a do próximo. Eram um perfeito exemplo de desmerecimento!

Eu presenciei a morte do meu pai quando tinha 9 anos. Ele morreu para um humano, sem se defender e sem reclamar. Tudo isso, apenas para me proteger. Mas é claro que os anciões não fariam nada! Jamais arriscariam pôr em xeque a nossa existência, ou melhor, jamais poderiam pôr em xeque a existência dos humanos.

- Engraçado, você não é humano?

- Jamais me compare com aqueles vermes hipócritas!

- No final, todos vocês são de carne e osso.

- Está errado! Para cada um de nós há uma estrela. Eles jamais terão isso!

Mas eu vejo um mundo melhor, um mundo onde para cada estrela haverá apenas um único ser. Um mundo onde jamais tenhamos que nos esconder para proteger uma raça falsa e que não mereça ser protegida. No final, os anciões perceberam que cometeram um grave erro.

- Então, é isso? Vingança?

Não… Não quero me vingar deles, apenas quero fazer o que qualquer um já deveria ter feito. Eles destroem o mundo, matam animais e desrespeitam os direitos dos justos, direitos que eles mesmos criaram, apenas para lutarem uns contra os outros, derrotarem as ditas falsas ideologias e construírem um reino por cima de corpos. Eu apenas quero mostrar a todos que tudo isso é possível sem nenhum custo, apenas o sangue que eu derramarei dos seus corpos.

- Acha mesmo que os anciões irão concordar?

- Como eles poderiam negar algo que está diante de seus próprios olhos, a patética falsa humanidade!

- Se vocês não são humanos, o que são?

- Somos os esquecidos, os verdadeiros “humanos” e os verdadeiros reis deste mundo! E agora... já consigo sentir, as correntes estão ficando fracas e em pouco tempo não teremos nada que fique entre nós e o códex da primeira estrela.

- Como você planeja exterminar uma raça inteira?

- Eu? Exterminar? Não... basta eu destruir sua fonte de orgulho. O resto, eles farão por mim. Afinal, o egoísmo mata mais pessoas que uma bomba.

EM BUSCA DE ALMAS

Amanda Kelly G. da Silva

Eu estava deitado no leito, tinha acabado de acordar, estava meio zonzo e sem saber o que tinha acontecido. Eu me chamo Miguel e, pelo jeito, eu não tinha mais 8 anos... Tentaram me acalmar, se apresentaram, e ainda não tinha caído a ficha. Mas, a pergunta era, por que estou aqui? O que aconteceu? Por que tenho a impressão de estar mais alto e tão peludo? QUANTOS ANOS SE PASSARAM? (Então eu parei no tempo e foi como um "baque" na minha mente. Senti meus pelos arrepiarem a apaguei novamente. E foi então que voltei para aquele dia...)

Era sábado à noite, eu estava na casa da minha tia, como todos os fins de semana. E, como de costume, brincando e conversando com o meu tio Marlow antes da hora de dormir. Conversávamos de tudo e éramos muito amigos. Ele quase nunca estava em casa, geralmente eu só o via antes da hora de dormir, e às vezes ele ia ao meu quarto de madrugada para ver se estava tudo bem. Sempre eu acordava nessas horas e o via me olhando sorrindo.

Exceto uma vez, em que eu o ouvi cochichando no meu quarto, mas quando abri os olhos ele não estava lá. Achei estranho, e voltei a dormir. No dia seguinte, no domingo, acordo com o "bom dia" da minha tia Amélia, e, indo em direção ao banheiro, ouvi minha mãe me chamando da sala. (Ela estava bem vestida e com uma mala pequena de viagem.) Então, perguntei:

- Ué, vamos viajar?

- Bom dia, Sr. Miguel! Sua mãe passa bem, obrigada.

- Ah! Desculpe-me mãe, bom dia. Então... vamos viajar?

- (Risos)

- Bom, eu irei a uma viajem do trabalho e você ficará com sua tia por dois dias. Irei retornar na terça-feira.

- Mas, mãe... (Fazendo birra)

- Nada de drama, Miguel! Eu volto em apenas dois dias, além do mais, você está de férias, dê companhia a sua tia, ela precisa.

- Argg...está bom! (Revirando os olhos)

- Muito bem! Agora se comporta hein, eu te conheço, meus olhos serão os da sua tia.

- Está bom, mãe, eu vou me comportar.

- Ok, já estou indo. Mãe te ama, filho. Estarei mantendo contato (O beija e o abraça).

- Tchau, mãe, eu também te amo (Se despede).

(...)

- É, Miguel, agora somos só nós dois (Disse a tia Amélia).

(Se passaram algumas horas...)

A tia Amélia foi ao mercado e disse para eu não abrir a porta para ninguém, e que ela voltava em 10 minutinhos. Fui para meu quarto, e fechei a porta. Mas não demorou muito até alguém chegar e abri-la sutilmente.

- Miguel...?

- Tio Marlow! Onde o senhor estava? A tia Amé...(É interrompido).

- Então, Miguel, não tenho muito tempo, você me ajuda em uma coisa?

- Mas a tia Améli...

-Vamos logo, Miguel!

(Depois de tanto andar para o nada, chegamos perto de uma casa bem pequena no meio de muitas árvores.)

- Tio Marlow, onde estamos? A tia Amélia deve estar preocupada, já faz tempo que saímos sem dizer nada.

- Calma, Miguel, vai ficar tudo bem... (Falou frio e estranho).

...

- Entre, chegamos.

(A casa era escura e fria, não tinha móveis, e parecia ser uma casa bem antiga)

- Só um momento, eles já devem estar vindo.

- Eles quem?

(O vento sopra e as janela batem alto.)

- Tio?

(Ele some.)

- Tio Marlow, cadê você?

(...)

- Tio Marlow! Aparece, está muito escuro!

(Uma porta se abre e um símbolo no chão aparece como se alguém estivesse desenhando nele.)

- Tio Marlow!! (Grita.)

- Cadê você, eu quero ir para casa, me leva de volta para casa!

(O vento lá fora se agita ainda mais e de repente o silêncio toma conta daquele lugar, quando o Miguel olha para uma das portas e consegue ver uma “luzinha amarela”.)

- Olá? É você, tio Marlow?

(Quando de repente o que parecia ser uma pequena "luzinha", ficava claro que não era isso, e sim um estranho par de olhos amarelos o observando no escuro.)

O Miguel corre em direção à saída, quando escuta o seu nome.

- Miguel...?

(Olha para trás e não vê ninguém.)

- Miguel?

(Olha para os lados e nada também.)

Ele ouve um sussurro em seu ouvido e sente um arrepio.

- Miguel...?

(Ele olha para trás, grita e apaga.)

....

Você deve estar se perguntando o que aconteceu com o pequeno Miguel de 8 anos... o que ele viu, onde estava o tio dele, o que era o tio dele, o que realmente tinha acontecido? São muitas respostas para te dar. Hoje, o Miguel se encontra em coma desde o "tal" ocorrido, sem pistas do que o levou a isso. Ele já fez 14 anos e, sempre quando dá sinais que vai acordar, no final volta para aquele antigo trauma. Quer dizer... pelo menos é o que aparenta ser, não se sabe para onde a sua alma retorna. Mas até onde vai a sua imaginação?

"Seria mais uma história de um caso dos 'Sete além'?"

"O seu tio era mesmo real?"

"Quando tudo isso iria acabar?"

(Deixo para você imaginar um desfecho para essa história.)

LATE AT NIGHT THINKING ABOUT...

Alana Driziê Gonzatti dos Santos

Eu vejo a noite como a pior e melhor hora do dia. Pior quando não consigo dormir, fico emperrada em pensamentos tristes... melhor quando o dia foi bom, quando as lembranças são lindas e o dia de amanhã guarda ainda melhores surpresas. Ou seja, a noite quase sempre depende do dia.

Mas a noite, tão escura e imersa em cores fortes, conseguiria se sustentar sozinha.

Ela consegue fazer com que pensemos nos absurdos mais longínquos, no inatingível... consegue fazer-nos chorar, debaixo do cobertor, bem quietinhos, para que ninguém perceba. Consegue nos fazer sonhar, tanto enquanto acordados quanto quando dormimos: sonhamos com o futuro próximo, com um passado próximo, com um futuro que não chega nunca. E muitas vezes, isso tudo pouco depende do que aproveitamos nas horinhas antes de deitar.

A noite consegue o impossível: consegue que sejamos nós mesmos. Consegue que falemos com nós mesmos, que nos contemos dos nossos problemas, que procuremos, eu e eu, soluções. A escuridão permite com que um gesto leve a várias interpretações, que podem levar ao riso ou a lágrima. Muitas vezes, as noites não têm sentido.

Não tem sentido quando abraçamos o travesseiro, esperando que outro alguém estivesse ao nosso lado. Não tem sentido quando sonhamos com uma realidade inventada. Não tem sentido quando ficamos pensando naquela pessoa que não tem nada a ver conosco. Não tem sentido quando queremos chegar à lua, por ela ser tão brilhante e clara, no meio do negro noturno.

Ahhhhhhhh, a noite... a noite é um mar de maravilhas. Ou não. Nunca se sabe o que vai acabar acontecendo na profunda imensidão de pensamentos da vida noturna. Uma vida que, o pior de tudo: compartilhamos apenas com nós mesmos. Ninguém sabe da nossa dor, do nosso amor; somente aquelas horinhas tarde do dia conhecem nossas picuinhas de verdade.

O OFÍCIO

Maria Clara Fernandes de Oliveira

A casa em que eu me encontrava era velha, uma pintura azul escuro encontrava-se nas paredes, rodeada de velhos ladrilhos nos cantos, com um telhado antigo e de aparência velha, tinha um pequeno jardim na frente com tulipas e girassóis que a faziam parecer mais amigável. Um baixo muro ao redor, que servia muito mais para decoração do que para segurança. Não acho que era preocupado com segurança. Segurança parecia uma de suas menores preocupações.

Não entendi direito quando me chegou à encomenda, parecia apenas uma vingança irracional e sem motivo, trazida pelo calor do momento. Talvez tivesse arrancado uma flor de seu jardim sem permissão, ou esbarrado com ele na calçada. Não fazia sentido. Geralmente, esse é o tipo de vingança que se faz mandando o outro ir para aquele canto, ou jogando ovos na casa do mesmo.

Assassinato é realmente uma coisa de outro nível. Um nível completamente além para ser sincero. Não se manda matar uma pessoa apenas por esbarrar com ela na rua, ou por ter uma de suas flores arrancadas do seu belo jardim. A não ser que você seja psicopata, mas o mesmo prefere por a mão na massa, totalmente ao contrário de mandar alguém fazer o trabalho sujo.

Ainda parado em frente à casa, me pergunto o que aquele homem poderia ter feito de tão mal. Aproximo-me lentamente da casa, observando qualquer medida de segurança que terei que vencer, observei atentamente durante uns minutos, e como suspeitava, não havia nada. Como disse, segurança parecia ser sua menor preocupação.

Talvez ele fosse um mafioso, ou traficante, ou ele apenas rouba doces de crianças. Com meu tempo de trabalho e experiência, você não se surpreende com nada nessa vida. Aprende-se como o ser humano pode ser cruel e sem piedade, aprende também como ele pode temer a morte. Seres humanos são capazes de fazer tudo para não morrer.

Animais realmente temem aquilo que não conhecem.

Adentrei calma e silenciosamente a casa, sendo recebido por uma escada e um longo corredor, o piso de madeira escuro constava com o claro e florido papel de parede. Não havia

retratos nas paredes, eram lisas, frias e obscuras. Observei calmamente cada cômodo. A cozinha antiga parecia ser muito pouco usada. Talvez ele fosse pouco doméstico.

A sala de jantar estava em empoeirada, talvez nunca tenha chegado a ter qualquer uso. A sala de estar era simples como todo o resto da casa, não havia fotos ou nada que remetesse a uma família. Talvez apenas estivesse passageiramente naquela casa.

Sou instantaneamente levado à minha infância, onde éramos obrigados a nos mudar frequentemente, quase nunca ficando mais de 7 luas num mesmo lugar. A profissão sempre foi perigosa, criar um filho e mantê-lo seguro? Isso significava nunca se acomodar, e foi isso que meu pai fez, ele nunca se acomodou. Me ensinou tudo que sabia para que eu também nunca me acomodasse.

Percebendo que não havia mais nada a ver, subi calma e silenciosamente as escadas, instantaneamente me deparado com 3 portas. Abro a primeira porta e finalmente vejo o alvo, o infeliz que vai ter sua cabeça servida numa bandeja de prata. Roncos suaves atravessam o aposento. Parecendo ter uns 45, 50 anos, o homem encontrava-se dormindo numa cama de casal estilo medieval. Por um momento observei o quarto, o papel de parede listrado com o chão de madeira escura, as malas prontas ao canto e o guarda roupa que parecia não ser utilizado. Ele realmente estava de passagem. Parei por um instante e fui a janela, de lá observei o jardim atrás da casa, mesmo na escuridão da noite percebi que foi escavado recentemente.

Será um praticante de jardinagem?

Prossegui silenciosamente à próxima porta, onde encontrei um banheiro simples, nada mais que o necessário, uma pequena banheira, uma pia e um assento. O pequeno espelho acima da pia estava rachado, observei-o por um momento olhando o azulejo amarelado pelo reflexo. Aparentemente não havia nada demais ali.

Segui calmamente para a última porta. Em toda a casa, sentia apenas a poeira, mas nesse quarto era diferente, cheirava sangue. Decorando a parede acinzentada e destacando-se do escuro piso, uma dúzia de reportagens e notícias estavam anexadas a parede.

“Cassie, 7 anos, despareceu enquanto sua mãe fazia compras...”

“Henrique, 5 anos, desapareceu enquanto brincava no jardim...”

Seria ele um cidadão preocupado?

Parei por um instante e voltei a observar o quarto. Um pequeno colchão encontrava-se no canto do quarto, onde próximo também se encontrava alguns brinquedos... Aproximei-me e senti o acentuado cheiro de sangue ficar mais forte.

Logo tudo se encaixou em minha mente.

Levantei-me lentamente e voltei silenciosamente a primeira porta, voltando logo a ouvir os roncos suaves emanados pelo homem ainda adormecido. Peguei minha faca e preparei-me para completar minha missão.

Pergunto-me repentinamente se passarei a mesma profissão para o meu hipotético filho, isto é, se realmente tiver um filho. Apesar de ser um péssimo trabalho, o mesmo ainda é necessário. Alguém tem que fazer o trabalho sujo. Pergunto-me se tudo que meu pai queria ao me ensinar a profissão era apenas manter minha segurança, ou se o fez porque queria que alguém o entende-se.

Ainda com a faca na mão aproximei-me do meu alvo. Em um movimento ágil enfiei a faca em seu pescoço, mirando em sua carótida, observei-o sangrar até a morte. A cama antes branca agora encontrava-se vermelha. Olhei em seus olhos até ver a vida esvair-se do mesmo.

Observei lentamente a minha obra prima, a conclusão de meu trabalho noturno. Assim como meu pai tinha me ensinado. Talvez eu tenha um filho, com uma prostituta qualquer na cidade, assim como meu pai teve a mim. É difícil manter um bom relacionamento nessa vida. Talvez o deixe com ela até poder começar a aprender o ofício, ensinar a ele como meu pai ensinou a mim.

Olho novamente a janela, vendo as flores que adornavam o quintal. Crianças são mesmo bênçãos mesmo após a morte.

Aprecio mais uma vez o meu trabalho, e calmamente me retiro daquele lugar.

No final, não importa muito o motivo do trabalho. Uma simples e irracional vingança ou o mandado de morte a um pedófilo. O motivo apenas torna o trabalho mais prazeroso.

Olho uma última vez para a singela casa e sinto um sentimento de dever cumprido, como se tivesse feito a coisa certa, sacudo a cabeça para tirar esse pensamento da mente e sumo na escuridão.

Assassinos não têm sentimentos...

QUEM VOCÊ MENOS ESPERA

Maria Ellena Gomes Mendes

Em Munique, nevava mais uma vez, era o último dia de Peter naquela cidade, antes de se mudar para Berlim. O garoto tinha dezoito anos e nunca tinha morado sozinho antes e se mudar seria uma experiência totalmente diferente, em que finalmente iniciaria o seu estágio no setor de investigações da polícia alemã.

O jovem nunca superou o fato de não conhecer os seus pais, ele apenas sabia que a sua mãe faleceu durante o parto devido a uma hemorragia, enquanto o seu pai não sabia quem era. Por sorte, a mãe dele tinha um irmão chamado Charles, que era um grande empresário, casado com Martha, uma linda mulher que, junto ao seu marido, administrava uma multinacional. Os dois acolheram o sobrinho quando ele ainda era um recém-nascido e o criaram como um filho, juntamente com o primogênito do casal. Peter e Noah eram inseparáveis, sempre faziam tudo juntos, mas tinham personalidades totalmente opostas, assim como seus interesses, já que os tios eram donos de uma das principais empresas automobilísticas da Alemanha, o seu primo acabou se interessando pelos negócios da família.

Enquanto Peter não tinha pretensão alguma em se envolver nos negócios da família, ele possuía um hobby por investigações criminais, desde pequeno era muito observador e amante de livros relacionados a esse gênero, seu cachorro Otto sempre o acompanhava em suas aventuras.

No dia seguinte, o futuro investigador se despediu de seus amados tios, que nunca deixaram faltar nada para o sobrinho, logo em seguida do seu melhor amigo e, é claro, Otto, o cachorro de estimação que tinha desde que completou quinze anos e agora iria ficar aos cuidados de seu primo, pois não poderia levá-lo.

Quando finalmente chegou a Berlim, após aproximadamente uma hora e meia de voo, se acomodou em seu apartamento, se iniciava uma nova fase em sua vida. Em pouco tempo se adaptou tão bem à nova rotina e ao seu emprego que em oito meses foi promovido a investigador, pelas suas habilidades e grande conhecimento. Apesar da pouca experiência, o feito surpreendente acabou por estimular ainda mais a sempre fazer o seu melhor. Não demorou muito para ele se tornar obcecado pelo seu ofício. A sua vida se tornou o escritório e os casos

que era responsável por desvendar, com isso, a cada ano que passava, perdia ligação com a sua família, eles não se falavam mais por ligações ou acontecia visitas em feriados, como de costume. Mas, o destino tratou de uni-los mais uma vez, lamentavelmente por conta de uma tragédia, a morte de Noah, Charles e Martha, em um grave acidente de carro.

A polícia de Munique comunicou ao investigador Schulz o ocorrido assim que chegou ao local do acidente, o jovem não conseguia acreditar que tamanha destruição realmente tinha acontecido. Desse modo, no momento que soube do acontecimento, pegou um voo para a cidade de Munique o mais rápido possível. Há seis anos ele não voltava aquela cidade e agora que voltou a sua família se foi para sempre.

Toda a população estava comovida com as mortes. O rapaz tomou o caso e decidiu que iria investigar ele mesmo, seria a única maneira de tentar diminuir sua dor, ele teria que encontrar o responsável e puni-lo por todo o mal que havia causado.

O investigador se surpreendeu ao saber que Noah estava casado com uma jovem psiquiatra chamada Bella Schulz, que felizmente não estava no carro quando houve o acidente, pois ela teve que fazer uma viagem para Tóquio, onde realizaria uma palestra sobre psicologia. Ao saber do falecimento de seu esposo e sogros, ela cancelou todos os seus compromissos e voltou para casa.

A viúva Schulz prestou depoimento assim que seu avião pousou, suas declarações deixaram o policial com mais dúvidas, ela afirmava que o seu marido estava tendo discussões frequentes com os pais, além de que ele andava muito nervoso e violento, inclusive relatou sobre uma suposta briga que havia tido antes de ambos viajarem, onde o acusou de agressões físicas.

Uma semana se passou, as investigações pareciam está terminando, tudo indicava que o filho único dos Schulz sofreu um AVC (acidente vascular cerebral) durante o tempo em que dirigia, perdendo o controle do automóvel e causando o acidente que o vitimou, assim como os seus pais. Entretanto, por incrível coincidência, Peter resolveu levar Otto para passear, desde sua volta não teve tempo de rever o “o velho amigo”, que por sinal estava bem triste e debilitado, pelo fato de mostrar indícios de que não comia há vários dias, essas características chamaram a atenção de seu dono. Observando a casinha de seu cão, na qual ele estava deitado notou manchas de sangue e um pedaço de tecido familiar, se tratava do mesmo tecido do lenço que havia presenteado o Noah antes de partir. Ele logo lembrou da fala de Bella, em seu

depoimento e das brigas. Mas, ainda não compreendia, como o seu cãozinho se encaixava em toda essa situação?

Recolheu amostras do sangue e do tecido e levou para a perícia, os resultados informaram que o sangue era realmente de seu primo, mas também, possuía vestígios de sua esposa. Essa descoberta trouxe Peter de volta ao caso. Pela manhã a senhora Schulz trabalhava, já que a mesma assumiu o controle da empresa, mais um fato que acabou por deixar o jovem investigador desconfiado. Em uma dessas manhãs, ele entrou no quarto dela enquanto ela estava fora, dando início a sua busca por pistas. Se passaram horas e nada foi encontrado, mas ao pisar no tapete próximo da cama ouviu um barulho diferente, quando retirou o tapete do lugar encontrou uma parte do piso falso, então quebrou e encontrou uma caixa de madeira, no momento em que iria abrir percebeu a aproximação de alguém pelo corredor e acabou pulando a janela do quarto, levando a pequena caixa junto. Quem se aproximava era a mais nova viúva, Bella Schulz, soube por conta do carro que antes não estava na entrada da casa.

Ao cruzar alguns quarteirões, entrou em uma rua menos movimentada e abriu o baú, no qual se encontravam o lenço completamente rasgado e ensanguentado, como também, um frasco de uma substância desconhecida, porém, em seu rótulo quase apagado consegui ler que era um remédio de tarja preta destinado a transtornos psicológicos. Logo, pensou que ela, a esposa de seu primo, deveria ser a responsável pelo acidente, não havia outra explicação, a psicóloga dopou o seu esposo com remédios fortes, prescritos por ela mesma para que o seu marido não suspeitasse de seus verdadeiros interesses, o lenço deve ter sido resultado, do conflito onde ela certamente o feriu resultando no sangue dele, desse modo, não sendo ele o agressor, como ela declarou.

Ele então pegou o seu celular para ligar e assim entrar em contato com a polícia da cidade para pedir reforços, mas uma mão o impediu, fazendo com que o celular caísse no chão, se tratava da assassina de seus familiares. Eles entraram em uma luta corporal, contudo Peter foi mais rápido e puxou a arma em sua cintura, em um momento de descuido por parte dela, disparando o gatilho e vingando a sua família, antes de se tornar a próxima vítima.

Otto
Otto

THE END

Ana Claudia de Melo Siqueira

A mente humana é uma coisa difícil de entender. A legista já não sabia como examinar os corpos para descobrir quem estava por trás dos assassinatos. Naquele ano, a taxa de assassinato tinha aumentado em 35%, e ninguém sabia o motivo disso.

Daniel tinha uma namorada, Elisa, estavam juntos há muitos anos. Ele era um homem bonito, discreto, atencioso, amável, era daqueles homens que qualquer mulher gostaria de ter ao seu lado. Elisa era uma mulher linda, capaz de fazer qualquer homem se apaixonar por ela, trabalhava durante a manhã em uma escola, e Daniel trabalhava nessa mesma escola no período da noite.

Gostando de filmes peculiares, o casal sempre assistia a películas de seriais killers, eles mais pareciam um casal psicopata do que um casal normal, todavia, ninguém sabia disso. Eles tinham uma cabana em uma floresta que ficava localizada a alguns quilômetros dali, onde escoteiros faziam trilhas e passavam algumas noites ou dias acampando.

Daniel possuía uma van preta e alguns objetos cortantes, seu porão guardava máquinas de tortura feitas por ele e sua namorada. Por trabalhar no período da noite, ele passava o dia planejando seus assassinatos e procurando suas próximas vítimas, seu notebook possuía inúmeras localizações de residências, fotos das vítimas e lugares estratégicos para esconder os corpos. Em uma certa manhã, ele já tinha tudo em mente, a próxima vítima, seu endereço e onde trabalhava, sabia cada detalhe, e, se ocorresse uma falha nesse plano, tudo daria errado, TUDO.

Sua vítima era uma mulher jovem de aparentemente 30 anos, alta, branca, morena, era nova na cidade e tinha alguns amigos. A tarde, Daniel começou a perseguir sua vítima, mal sabia ele que essa vítima não era como as outras, ela não era indefesa, tinha uma esperteza que poucas pessoas tinham. Para se aproximar dela fingiu ser um vendedor ambulante de pipoca e água, se aproximou dela e lhe ofereceu seus produtos, ela comprou e achou ele muito

bonito, simpático e foi embora, já estava atrasada para o trabalho e tinha que continuar examinando os corpos para descobrir quem era o assassino.

Chegando ao trabalho, ela não conseguia se concentrar, só pensava naquele homem simpático que tinha a abordado há alguns minutos. Daniel passou dias indo àquele mesmo local, ia todos os dias e eles começaram a ficar amigos. Passaram a marcar de ir ao café, pizzaria, conversavam sobre tudo. Daniel sempre guardando as informações, nada escapava dele. Quando chegava em casa, conversava com Elisa sobre as últimas informações obtidas sobre Marília, falava quais os próximos passos a serem dados.

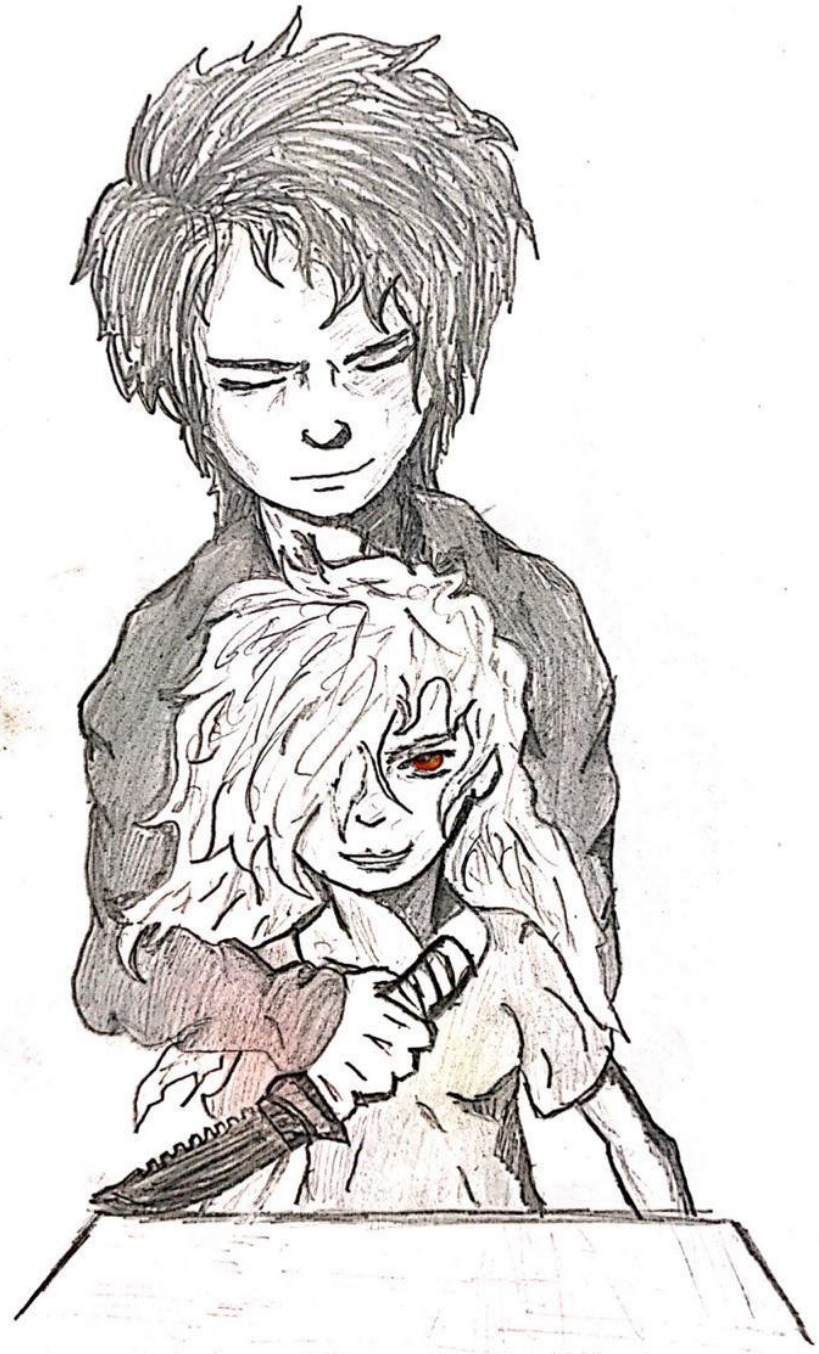
Elisa não era só sua namorada, ela também era sua irmã adotiva, sua mãe havia falecido, e a mãe de Daniel se casou com seu pai. Ambos tinham uma vida muito difícil, encontraram refúgio um no outro e acabaram ficando juntos, sabendo que seus pais nunca aceitariam seu relacionamento, eles planejaram o assassinato deles, que foram suas primeiras vítimas. Carla e Marcelo foram torturados até a morte e as últimas pessoas que eles viram foram seus filhos tirando suas vidas.

Marília estava trabalhando normalmente quando um dos seus colegas chegou e disse que havia encontrado esperma em uma das vítimas, levou para uma sala para descobrir a quem pertencia. Daniel estuprava suas vítimas e Elisa sempre avisava a ele que um dia isso poderia levar a polícia até eles, mas Daniel nunca acreditava, sempre lhe falava que era ciúmes.

Os policiais hackearam o computador de Daniel e lá encontraram fotos das vítimas despidas, amordaçadas e vídeos de tortura, lá também acharam uma lista com nomes das próximas vítimas em ordem alfabética. Quando Marília viu seu nome, ficou em choque e disse que os policiais poderiam ir até a casa dele e o prender.

Chegando lá, arrombaram a porta e prenderam ele e Elisa. Entraram no porão e encontram as máquinas de tortura, ossos humanos, crânios, dedos em potes, eles tinham uma coleção de fios de cabelos das vítimas, encontraram a localização da cabana na floresta e foram até lá. Ao entrar na cabana, encontraram as roupas dos escoteiros que haviam desaparecido há alguns meses, eles estavam enterrados na parte de trás da cabanada, foram

estrangulados até a morte, suas cabeças foram cortadas e seus corpos esquartejados. Daniel e Elisa foram presos e condenados à cadeira elétrica.



A GUERRA DOS INOCENTES

Lucas Marcel Silva de Brito

- Alô! A unidade salamandra caiu! Estou perdido e com uma criança ferida!

Droga, ninguém responde... Se continuar assim, não vou conseguir salvá-la.

- Moço, estou com fome, mais que o normal... Estamos chegando? Falta muito? Quanto tempo vai demorar? Por que minhas pernas não se mexem? Por que está me carregando nas costas?

- Você pergunta muito, sabia, pequenina?

- Bom, pelo menos não estou verde!

- É mesmo? Conheço algumas pessoas verdes que são muito fortes!

- Verdes?! Mas não existem pessoas verdes! O senhor é o único!

Ela começou a rir. Com esses ferimentos, talvez ela nunca volte a andar... Mas ela não pode morrer aqui! Infelizmente, as balas não escolhem seus alvos.

- Droga! Que tiro infeliz!!!

- Moço, sua perna está ficando vermelha!

Tenho que me arrastar para um local seguro, se continuar assim, iremos morrer aqui.

- Moço, o senhor está ficando vermelho!!!

- Calma... Tenha calma, tape os ouvidos e feche os olhos. Que em breve você estará sentada em uma incrível cadeira comendo muito quibe! Muito mesmo!!!

- Eca! Moço, eu não gosto de quibe!!!

- Não gosta de quibe?! Vamos fazer um acordo então? Qual o seu doce favorito?

- Ninho!

- Ninho de nozes? Ah... Assim fica fácil!!!

Eles estão vindo, não vou deixar que a matem.

- Está me escutando com muita atenção!?

- Sim!

- O acordo é o seguinte... Fique bem escondidinha aqui, tape os ouvidos, feche os olhos, fique caladinha e não se mexa, conte lentamente até mil e um, quando terminar coloque essa caixa próxima a sua boca, segure esse botão e não largue seu dedo em hipótese alguma, peça ajuda sem cansar e não chore ou se assuste com nada! No final, você terá quantos ninhos de nozes quiser!

- Que nem um super-herói?

- Herói?! Não... Que nem uma super-heroína!

Ela não faz ideia do que está acontecendo, tenho que ir o mais longe possível... Bom, nunca pensei que dava tanto medo ter uma arma apontada para você. Será que ela escutou o tiro? Não... Ela é corajosa. Alguns diriam que a deixei para morrer... Mas quer saber? Sinto que ela não vai morrer tão fácil assim, mesmo que o mundo não esteja a favor dela.

O MISTÉRIO DE UM SORRISO

Vitória Gabriely Oliveira de Brito

John Monk, o detetive mais famoso da França, resolveu diversos casos, nada parecia impossível para ele, uma mente brilhante, cada detalhe era minuciosamente observado por ele, encontrava uma saída para tudo.

Entretanto, foi aquele caso - aquele maldito caso! - Que o fez quase desistir de sua carreira como detetive. De centenas de casos, apenas em um não foi colocado um ponto final por John. Após vários anos se resolvendo crimes, ele volta a investigar este em especial. Tudo começou na cidade de Colmar, onde Monk nasceu e cresceu com sua família, até que um dia foi encontrado um corpo, havia apenas isso, um corpo e um largo sorriso.

Um cadáver de uma criança e um sorriso costurado em sua boca, John analisou o corpo, as pegadas ali deixadas para trás, a cena do crime inteira. Não havia uma sequer testemunha. O espanto de todos ao verem aquela cena foi inegável, como pôde alguém ser tão cruel? Jhon, um detetive iniciante, mal sabia para que lugar prosseguir, quem saberia? Um criminoso aparentemente impecável estava envolvido e cabia ao detetive a responsabilidade de descobrir o culpado.

Diversas investigações foram feitas, possíveis evidências coletadas e qualquer pista foi seguida numa busca incontrolável para descobrir o que houve e quem era aquela criança. Monk inicialmente desejava descobrir a identidade daquela garota, uma menininha de aparentemente onze anos estava bem em sua frente.

O sentimento de revolta do investigador foi apenas um gatilho para de qualquer forma colocar um ponto final nesta história, era apenas uma criança, uma garotinha que nem pôde se defender de tamanha atrocidade.

Estranhamente, ninguém teria ido atrás daquela criança, todos os policiais e investigadores foram atrás de informações sobre a garotinha, primeiro pela pequena cidade, depois se espalhou por todo o país, mas nada chegou até a polícia. Dias e meses se passaram e a identidade da menininha continuava um tremendo mistério.

O Monsieur John também decidiu avaliar o corpo, além daquele sorriso costurado existiam também diversos cortes em todo o corpo. O cadáver foi encontrado por uma mulher que entrou em estado de choque quando o viu.

Até mesmo porque inevitavelmente observado pela primeira vez parecia se tratar mais de uma boneca do que uma menina. A análise da cena do crime foi realizada com todo o cuidado, nenhuma substância suspeita por perto, sem armas do crime deixadas para trás, afinal a autópsia afirmava que a criança teria ido a óbito por uma hemorragia causada pelos profundos cortes em sua pele.

As pegadas deixadas para trás eram grandes e aparentemente de um homem, segundo Monk, mas como isso ajudaria? Existiam diversos homens na cidade e no país, um verdadeiro túnel sem saída na época, o caso foi arquivado e deixado de lado por não se ter alguma prova para onde se seguir.

Agora, Jhon, 30 anos depois, estava disposto a retomar e colocar um fim nisto. Afinal, com o passar dos anos ele adquiriu experiência, sua honra estava em jogo, não havia se tornado o detetive mais famoso da França á toa.

Monsieur Monk começou reunindo tudo o que havia coletado naquela época, as fotos reunidas e até mesmo o tamanho das pegadas foram analisadas com mais cautela. Na época ele não observou com tanta atenção, mas logo viu que os cortes na menina eram bastante precisos e bem feitos, até mesmo a costura da boca foi feita com cautela.

O tamanho das pegadas também era familiar, seu pai Richard tinha pés grandes como aqueles, ele havia falecido uns quatro anos atrás e sua mãe Jaqueline há seis. Estranhamente, aquilo trouxe um desconforto para o investigador, seu pai sempre foi uma inspiração, um homem muito inteligente, que salvava vidas, um cirurgião.

De repente, o detetive ficou assustado, será muita coincidência ou um sinal? Independentemente do que fosse, era uma obrigação investigar isso mais fundo. Richard guardava com muito carinho algumas bonecas que John sempre acreditou serem de sua tia falecida, que morreu antes mesmo dele nascer.

Havia também fotos que eram guardadas com cuidado por seu pai, Monk nunca se interessou pelas coisas do pai, até aquele momento. Foi de Paris até Colmar, até sua casa antiga, para buscar mais respostas e concluir se o seu pensamento estava correto.

Quando chegou lá, se encontrou com sua irmã que morava ali desde a morte de seus pais, o detetive imediatamente foi atrás das antigas coisas de Richard, estava com sede de respostas, dava para sentir no ar. Seria a primeira vez que ele teria um contato mais profundo com o passado desde que seus pais se foram.

Revirou tudo e ali estavam, bem na sua frente, as fotos que guardava com tanto carinho e nunca escondeu de ninguém. Monsieur John Monk resolveu olhar uma por uma. Estavam em um álbum e bem na metade dele, havia uma foto, mas não era qualquer foto, ali diante de seus olhos ele via a garotinha, aquela de 30 anos atrás.

Ele ficou em silêncio, nem podia imaginar que era realmente o que lhe ocorreu na mente quando pensou a respeito, sua cabeça estava confusa, seria o homem que sempre admirou um assassino? Tentou se acalmar e voltar a si, pois precisava desesperadamente acabar com o mistério.

Existia também uma carta dentro de álbum escrito: “Não cuidarei mais da garota, se você a comprou, então leve-a embora.” Tudo se encaixou naquele momento, peça por peça o quebra-cabeça foi montado na cabeça de John.

Hora de colocar as cartas na mesa, seu pai era uma excelente médico que se destacou por um intelecto muito acima do normal, Monk sempre admirou seu modo de fazer as coisas, era sempre cauteloso e inteligente. Um perfeito assassino para esta história, as pegadas batiam perfeitamente, os cortes precisos e profundos haviam de ser a explicação de serem feitos por alguém qualificado, como um médico. A falta de pistas vinha pelo fato de ser uma pessoa de um QI elevado, que pensou em cada pequeno detalhe.

A garotinha não teria sido procurada, pois foi vendida para Richard, muito pequena, e ter sido criada apenas em uma casa fechada fez com ninguém a conhecesse nem a identificasse.

Não existiam ali registros de quem cuidava da menina, mas para o investigador era a mulher que, quando sua mãe não estava, raramente ia em sua casa para falar com Richard. A verdade é que ele era um masoquista, não se tornou médico porque queria salvar vidas como seu filho acreditava, mas sim pelo prazer de abrir corpos, ele queria mais, e matar foi o mais atrativo a se fazer.

Quando terminou de ligar tudo, apenas se levantou, deu um abraço em sua irmã e foi embora. Finalmente, colocou um ponto no caso que sempre o atormentou. Um verdadeiro choque de fato, seu pai, um assassino que aproveitou uma bela e longa vida, não tinha mais

como pagar pelo o que fez, a imagem de Richard foi apagada da mente do investigador. Mais um caso solucionado, seu título de melhor detetive nunca fez tanto sentido, afinal como Monsieur John Monk sempre diz no fim de um caso; “a verdade sempre vem à tona”.

DO FIM...

MAIS UMA VEZ...

Daniele Cristina Freire de Lelis

Ela acordou cedo, se arrumou rápido, pois, não queria se encontrar com ele antes de ir para a escola. Ele estava dormindo com sua mãe quando ela saiu de casa. Chegando na escola, fingiu estar feliz, como sempre faz, há mais de 8 anos.

Ela nunca contou o que lhe acontecia por medo, medo de não a entenderem, de julgarem-na, ou que a excluíssem da sociedade. Mas, hoje foi diferente, ela perdeu esse medo, contou ao seu professor, o qual ela mais confiava, ele a levou para uma sala afastada e disse:

- Você não vai se importar, né? Já está acostumada com isso. Não se preocupe, te darei pontos extras.

O professor fez o que bem entendeu com ela, foi brusco, não se importou com as lágrimas de dor que ela estava soltando enquanto o fazia. Após alguns minutos, ele a deixou ir, disse-lhe que não contasse a ninguém, senão ele a machucaria de verdade.

Isso começou a se repetir, ela já não estava mais segura em lugar algum, em casa, tinha seu pai, na escola, seu professor, nas ruas, os homens a olhavam estranho, como se eles fossem atacá-la a qualquer momento.

Ela tentou contar a sua mãe, porém foi repreendida, sua mãe disse que ela só queria chamar atenção e destruir o relacionamento dela com o pai...

- Você nunca quis que eu fosse feliz, sua desgraçada, não deveria ter nascido, odeio você, odeio sua avó por não ter deixado eu te abortar, você sempre foi uma desgraça em minha vida, problemas e mais problemas, sempre chorando, seu pai sempre te acalmou, sempre que ele entra em seu quarto você fica bem caladinha, e num instante vai dormir...

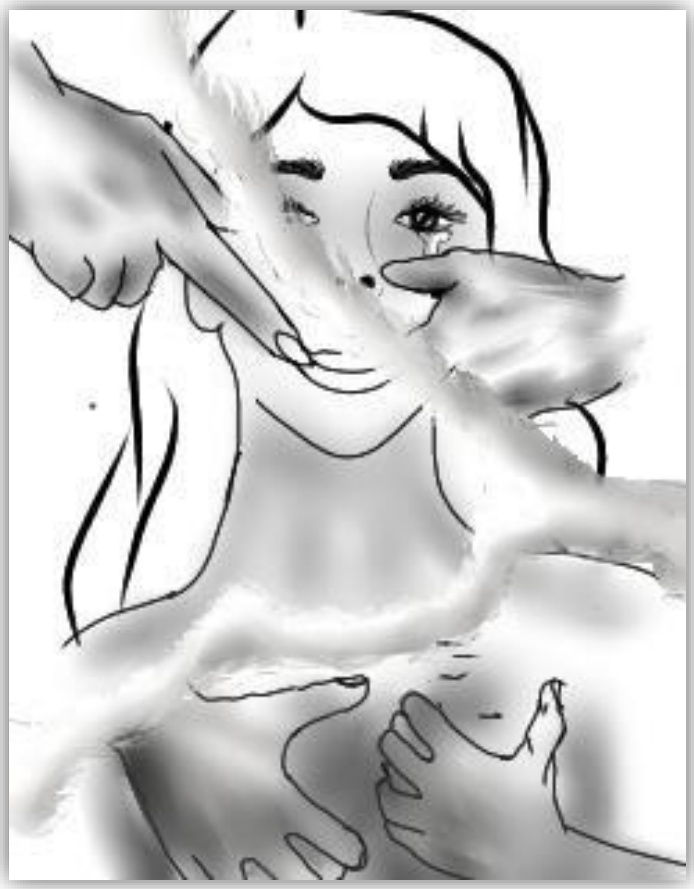
Sua mãe continuou, até que a garota de apenas 16 anos não aguentasse mais e fosse chorando para o seu quarto. E mais uma vez ela passou por essa humilhação, seu pai mais uma vez... seu professor mais uma vez... sua mãe mais uma vez... quando seus familiares a visitavam, sua mãe parecia outra mulher, a tratava bem, bem queria ela que isso fosse verdade, ou pelo menos mais decorrente em seu dia-a-dia.

Isso foi quebrando sua mente cada vez mais, até que chegou um momento que ela não aguentou mais. Antes do fim, viu pássaros, admirou-os um pouco, fazia frio no 13º andar, mas seu sangue estava quente, ela depois de anos finalmente se sentiu viva, foi só pular, finalmente ela estava livre, livre para sempre.

No mesmo dia, na sua linha do tempo das redes sociais, havia frases em sua homenagem, frases vindas de pessoas que ela não conhecia, frases de pessoas que ela nem imaginava, tinha uma mensagem vinda de sua mãe... “Por quê? Ela não tinha motivos para fazer isso! Sempre dava a ela o que ela precisava, não lhe faltava nada! Eu a amava tanto, não sei por que isso aconteceu...”. Tabloids postaram sobre a notícia: “garota de 16 anos se suicida sem motivos aparentes, parentes não sabem o porquê”.

E mais uma vez isso acontece. Mais uma vez, uma vida foi dizimada pelas pessoas ao redor dela, mais uma vez uma Ana, uma Luiza, uma Jéssica, uma Patrícia, um João, um Lucas, um Igor, mais uma vez um adolescente tira sua própria vida, “sem motivos aparentes”, mesmo pedindo socorro.

Tudo acaba, com uma arma, com uma lâmina, em um simples passo, TUDO acaba.



A PÍLULA

Jonatham Wanderson Bezerra Silva de Oliveira

– Uma pílula apenas para trazer aquele sorriso de novo, jovem.

– Sorrir, hihi sorrir...

– Está prescrito, só para trazer a calmaria novamente.

– Será?

– Você não precisa disso! Vai, guardar no bolso. Ou simplesmente joga fora!

– Sai com seus amigos, eles se importam com você...

– Mas, quê? Que papo de amigos é esse que você fala? Que amigos? Você não tem amigos. Eles são apenas pessoas que não tem algo melhor a fazer, e lhe fazem companhia de vez em quando.

– Tome logo e acabe com isso!

– Não..., não..., não, não engula, nem encoste na boca!

– Engula!

– Não engula!

– Engula!

– Não engula!

– Basta! Você tem sua família, eles não gostariam de presenciar o seu corpo gelado caído neste chão...

– Eles não dão a mínima para você, ser desprezível. Apenas querem que tu continues sendo essa escultura de porcelana padrãozinha...

– Mas e todo trajeto que ainda tens pela frente, não deverias acabar com isto apenas com uma mísera pílula.

– Aquela casa dos sonhos, que custa milhares; aquele palco que tu sonhas em cantar; ou até mesmo a viagem para a Europa caríssima que deseja fazer... ha ha ha. Como você é ganancioso, jovem.

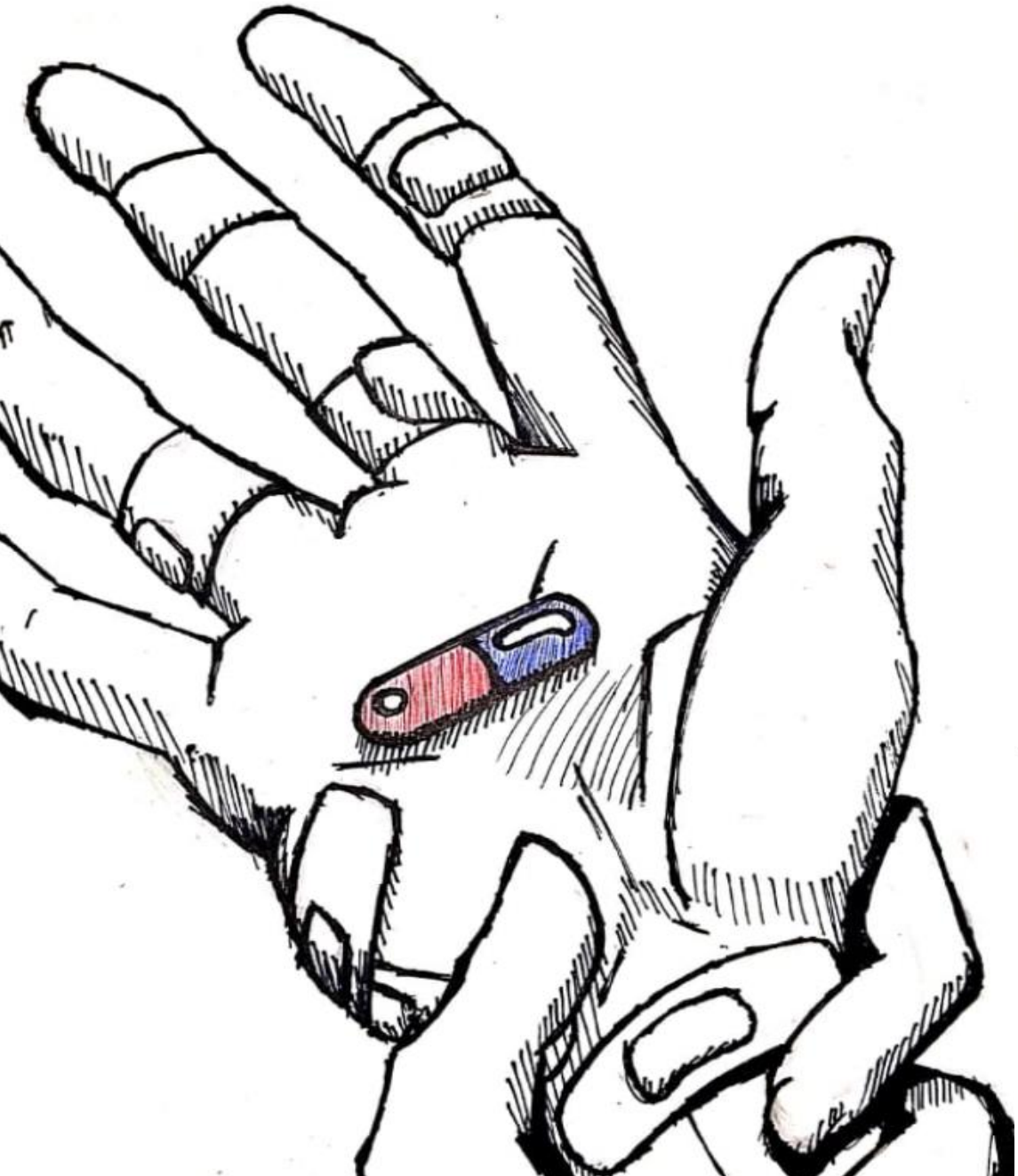
– Nunca que terá condições ou se quer talento para conceber destas proezas...

– Consegue!

– Será mesmo que conquistará tudo, tudo isso que planejas?! Não, não, tudo é muito inalcançável.

– Não, não é, pois se você sonha, você consegue atingir. Apenas basta querer...

– (...) Porém. Tudo isso. Pode ser resolvido, sem ser preciso passar por todo este SOFRIMENTO. Mostro-lhes o frasco do fim do sofrimento! Bebam, apenas bebam...



DA HISTÓRIA PARA AS CINZAS

Joanny Priscila Silva Costa

No dia 02 de setembro de 2018, o Brasil e o mundo perderam mais de 80% de suas peças culturais e históricas para as cinzas. O Museu Nacional, localizado no Rio de Janeiro, teve o seu acervo histórico científico quase destruído pelas chamas que o cercavam. Peças que revelavam as culturas passadas, que explicavam perguntas que até então não tinham respostas, que evidenciavam o modo como os ancestrais se relacionavam um para com os outros... Tudo isso agora em "pó".

Mas por que deixaram memórias de mais de duzentos anos se perderem assim? Por que consentiram com essa barbárie? Será por que as autoridades poderiam ter feito as manutenções necessárias no Museu, mas não fizeram? Será porque peças que retratavam a história da humanidade não são mais consideradas importantes?

É lastimável ver uma grande parte da história ser perdida por acontecimentos que poderiam ser evitados. O Museu vinha agonizando já há algum tempo, emitindo sinais de que (sobre)vivia numa atmosfera de deterioração que pressagiava um eminente colapso. "A tragédia que se abateu sobre o Museu Nacional, a instituição científica mais antiga do Brasil, foi a peça que estava faltando para dar sentido à engrenagem de destruição do país". (Borges, Rosane).

O incêndio no Museu é o efeito trágico da sucessão do descaso do poder público pela História, e que levou ao desmonte de um dos mais importantes espaços de conhecimento do país. "Uma nação que não conhece, não preserva seu passado, terá um futuro trágico cheio de erros repetidos!". (Miranda, Waceila).

O ASSASSINO SOBREVIVENTE

Roberto de Souza Teixeira Júnior

1940, o mundo vive a segunda grande guerra mundial entre os aliados (Estados Unidos, França, Reino Unido, União Soviética *etc*) e os países do eixo (Alemanha Nazista, Japão, Itália *etc*), os nazistas abrem vantagem e iniciam um ataque direto a Paris, França, a chamada "capital da Europa".

Há milhares de mortos em todos os cantos da "cidade luz", o exército francês foi feito de escravo, a escuridão de Hitler pairava em Paris. Porém, antes do ataque acontecer, o presidente francês Albert Lebrun pediu que seu assessor de confiança, Henrique Sarcosy, guardasse os maiores planos de guerra dos aliados. Henrique aceitou esse desafio e fugiu para Colmar, cidade do interior francês que ainda não tinha sido ocupada pelos nazistas.

Quando Paris foi capturada, Hitler tornou o presidente francês um preso, o líder da França foi torturado com choques elétricos, foi asfixiado, afogado *etc* para que ele revelasse os segredos dos aliados. Depois de semanas de tortura, Hitler tentou enganar o presidente francês, dizendo que se ele contasse os planos dos aliados, deixaria a França livre e libertaria o povo francês. Com muito medo e agústia, Lebrun aceitou a proposta e contou que todos os principais planos dos aliados estavam com o jovem Henrique Sarcosy. Duas semanas depois, o presidente francês foi assassinado.

Hitler iniciou uma caçada implacável atrás do jovem francês, só que Henrique conseguiu entrar em contato com o presidente americano Franklin Roosevelt e ambos elaboraram um plano para recuperar a França e matar Adolf Hitler.

Roosevelt e os aliados mandaram centenas de tropas por navios, aviões, tanques etc, foram primeiro recuperando o interior francês, depois chegaram a uma cidade perto de Paris, quando surpreendentemente milhares de tanques e tropas nazistas chegaram e conseguiram derrotar as tropas americanas que faziam a escolta de Sarcosy. Logo após, Henrique foi sequestrado pelos nazistas e levado diretamente a Hitler, que estava na capital francesa.

Sarcosy foi torturado por Hitler durante muitas semanas, quando finalmente, em 19 de agosto de 1944, Paris começou a ser recuperada. Tropas de elite americanas identificaram a posição de Sarcosy e Hitler e foram ao local. Eles encontraram Sarcosy vivo, porém muito

machucado, Hitler estava escondido, armando seu suicídio. Em seguida, Sarcosy pediu para um militar americano uma arma para matar Hitler, ele encontra Adolf Hitler apontando uma arma à sua cabeça, só que, por seu desejo de vingança, Henrique aproveita que Hitler está de costas e atira no líder nazista. Logo após, Henrique faz toda uma preparação e simulação, como se Adolf Hitler tivesse se suicidado e o que todos pensam até hoje que foi um suicídio, na verdade, foi um assassinato.

DA VIDA...

INCERTEZA

Ana Claudia de Melo Siqueira

Maria Ellena Gomes Mendes

Ela acordou e como sempre estava com medo de sair na rua e ser atingida por uma bala perdida. A violência estava cada vez maior e na comunidade onde Letícia morava não era diferente.

Estudava em uma faculdade onde apenas brancos eram aceitos, ela era a exceção. No Brasil, apesar de todos esses anos após a abolição da escravatura, ainda existe preconceito contra os negros, não só no Brasil, como em todo o mundo. Sua família era humilde, sua mãe a tinha criado com todo o amor que possuía, independente do pouco dinheiro que ganhava, sempre fazia o que podia para não faltar comida na mesa. Sempre estava ao seu lado e lhe apoiava em tudo, sua maior inspiração e incentivadora.

Além do preconceito na faculdade e problemas na comunidade, ainda existia um relacionamento abusivo por parte do namorado. Lutar contra uma sociedade preconceituosa e machista não é fácil, mas a jovem nunca desistiu de correr atrás do que queria, era inteligente, meiga, ajudava quem precisava, independente de conhecer ou não.

Havia uma ONG na rua da sua casa, nos domingos e sábados sempre estava lá pronta para ajudar a curar os ferimentos e doar alimentos para as pessoas que ali passavam fome, curava não só ferimentos do corpo, também cuidava de ferimentos da alma com seus conselhos e afeto contínuos.

Em um certo dia, ocorreu um confronto entre a polícia e bandidos, em que três bandidos saíram mortos e por pouco uma criança que ela ajudava também não saiu sem vida, Letícia havia se abaixado com ela e tentado proteger de todo aquele perigo que existia naquele local, felizmente naquele dia ela conseguiu proteger a criança, em muitos dos casos contados nos telejornais, crianças são mortas por balas perdidas em suas escolas, local onde o respeito e aprendizado deveriam prevalecer, não a violência e morte de inocentes.

A garota terminou com o namorado, além dos abusos psicológicos que sofria, ainda tinha descoberto uma traição, isso foi a gota d’água e felizmente conseguiu um término sem muita briga e confusão, era uma menina tranquila. Na faculdade, suas notas estavam cada vez

mais altas e seus professores e colegas que sempre tiveram preconceito com ela estavam cada vez mais impressionados com seu desempenho, apesar de serem de famílias ricas, não possuíam metade do carisma e inteligência que Letícia tinha. Depois de muito tempo praticando bullying com ela, perceberam o quão brilhante ela era, sua vida estava começando a melhorar, o namoro havia terminado, estava fazendo amigos na faculdade e sua família apesar de todas as dificuldades possuía saúde e esperança de dias melhores.

Já estando no último ano da faculdade de Medicina, se formou e começou a namorar um homem de boa índole. O que ela enfrentou é a realidade vivida por inúmeras mulheres no Brasil e o que ela conseguiu conquistar poucas pessoas conseguiram.

BANCO DA PRAÇA

José Gabriel Nascimento Mauricio

Em uma tarde bem tranquila, ensolarada e cheia de pessoas como todas as outras, lá estava eu sentado no banco da praça apreciando o ar, não tão puro devido à poluição ambiental, olhando os raios do sol transpassando as nuvens, que imagem magnífica! Senti por diversas vezes aquele vento que é prazeroso de sentir, nada tão inédito, até porque todo mundo sente isso ao sair de suas casas, mas continue lendo! Olhando ao meu redor vi crianças brincando, jovens voltando de suas escolas, alguns adultos voltando do trabalho, outros apenas passeando, casais de namorados conversando alegremente e eu ali, sentado no banco. Algumas vezes eu via alguns grupos de jovens dando uma volta por ali, "tirando onda" uns com os outros e pela emoção eu acabava rindo também discretamente, às vezes eu me deparava com antigos amigos que há muito eu não via, mas eu ficava ali, sentado no banco.

Mas, o que eu estava eu estava fazendo? Com quem eu estava? Nada e ninguém, eu estava apenas sentado sem ter o que fazer, relembrando alguns momentos felizes e tristes. Enquanto eu amava ficar ali apreciando as tardes, com certeza amaria mais ainda se tivesse alguém sentando no outro lado do banco, sem o celular em suas mãos, afim de bater um papo, fosse um amigo, fosse um desconhecido, de todo modo eu gostaria muito, mas existem coisas mais importantes do que querer sentar ao lado de alguém, como por exemplo: olhar as redes sociais, procurar por coisas banais na internet... mas não quero generalizar, nem todos são assim.

A tarde vai embora aos poucos, quando me dou conta, a noite já tem chegado e a quantidade de pessoas diminui, mas dependendo do dia aumenta incontavelmente e parece que tudo piora. Se pela tarde não veio ninguém, agora é que não vem mesmo. Não vejo mais sentido em ficar ainda naquele banco, então decido ir dar uma volta calmamente um pouco constrangido, mas não sei o motivo, simplesmente algumas pessoas me olham de forma estranha. Não gosto muito das noites, não tenho ninguém para aproveitar aqueles ventos frios com algumas boas risadas. As horas vão se passando até que eu não tenho exatamente mais nada para fazer andando por aí, então vou para casa, mas eu tenho minha família e só quem já passou ou passa por isso sabe que a família não é suficiente. Vou para o meu quarto, ouço algumas músicas, toco meu violão e adormeço.

Não sei se falei do jeito que eu queria, não quero ser o centro das atenções, mas que culpa eu tenho se as pessoas hoje em dia estão tão perto e ao mesmo tempo tão longe? Se eu te fiz perder tempo lendo isso, te peço que delete de seu celular, *tablet* ou computador, se você tem essas palavras fisicamente em mãos, então amasse-as, rasgue-as, queime-as ou simplesmente jogue-as fora, eu não queria incomodar ninguém com isso. Mas se você também sente isso, se acha que ninguém vai até você por não ter assunto para falar e vice-versa, te convido a vir sentar no outro lado do banco, eu iria gostar muito, que tal?

CHUVAS DO MEIO-DIA

Luís Alberto N. Souza

Gênnyfer Sara da Silva Lopes

Um, mais um, outro e outros, assim pontualmente a abundância hidrológica se faz presente mais um dia. É poético ver a água se deixar pelo empoeirado vidro da janela, são lágrimas do céu amazônico. Encarei fixamente aquela descida, a água que se formara depois de um longo processo de evaporação e condensação. Como gotas tão pequenas juntam venciam o concreto? Seria possível impedir aquela maravilha de acontecimentos simultaneamente articulados? Senti pela pequena brecha da janela, o aroma da chuva, ouvi a alegria das plantas, e aos poucos senti tua mão apertar a minha e me chamar de volta a realidade.

- Meio-dia, bora continuar? Ainda temos uma longa tarde.

- Hoje a tarde já está completa para mim.

Voltei ao rotineiro almoço, pessoas apressadas ao lado, notificações chegando no celular, mas meus pensamentos estavam naquela janela, naquela chuva, naquela sinfonia tão perfeita que arrastava minhas sensações para lá, para sentir a chuva. Quatro dias? Sinto como se fosse o primeiro. Ainda não me acostumei ao grandioso Norte. Tarde longa? Sim longa. Sinto toda minha infância me espremer, me apertar, o vidro do carro é uma tela, e tudo o que vi, li e ouvi sobre a Amazônia parece me empurrar para todas as memórias das aventuras imaginadas. Estou indo para mundo verde, olho imensidão vista de cima.

Rio para o vento, e o vento me parece retribuir. A chuva passou, mas as emoções insistem em permanecer em mim, tudo aquilo que quando criança imaginei. Me perco nessas emoções, na imaginação inquietante. A chuva caindo, a água escorrendo e nada a impedindo em seguir, me perturba até agora. O que me impede em seguir? Quais passos não posso dar? Limites? Quais realmente são meus?

Amanhã a chuva cairá mais uma vez. Será um novo dia, novas gotas e em tantas outras janelas, paredes e tetos, cumprirão sua missão, seguirão o seu caminho. E eu? Posso continuar a observar, porém quero e posso romper limites, evaporar dessa realidade frustrante, e cair longe, onde eu possa seguir e ser. Em minha mente, vejo a janela com seu vidro empoeirado,

o que me ensina que diariamente preciso seguir. Preciso ser chuva, ser poético. E você me fixará nessa realidade prisional ou irá comigo?

GAROTA TPM

Ádria Katriny

Aylla Maria

Na escola.

— Bom dia?

— “Bom dia” por quê?

— Só estou te desejando um bom dia.

— Por quê?

— Ué, eu não posso te desejar um bom dia?

— E eu não posso saber porque está falando isso para mim?

— Eu só desejo que tenha um bom dia.

— Mas, por quê? Que tem de bom?

— Só te desejo um bom dia, mano.

— Eu estou devendo alguma coisa?

— Não, mas as pessoas costumam dar bom dia para as outras, minha filha.

— E eu estou com cara de quem quer receber um bom dia?

— Eu só quis ser educada.

— Não dá para ser educada com outra pessoa?

— Dá sim, mas estudamos na mesma escola, nos vemos todo dia.

— Isso não nos torna amigas.

— E só amigos dão “bom dia”?

— Sim, eu vou lá querer estar falando com uma desconhecida? Quero mais é que se exploda.

— Nossa, quer que eu exploda?

— Garota, se continuar me incomodando assim, quem vai explodir sou eu.

— Te incomodando? Mas, eu só disse bom dia.

— Só? Só falta agora querer um beijo.

— Que menina azeda. De hoje em diante, nem te cumprimento mais.

— Azeda, eu? Tu vens com essa cara de sonsa, com esse bom dia falso e eu sou azeda?

— Falso?

— E, digo mais, não me cumprimentar é um favor que me faz, eu hein.

— Ah, sua...sua...

— E, aproveitando, esse seu perfume da loja dos dez, me dá náuseas, experimenta usar um kaiak ou floratta, garanto que vai melhorar.

— Escuta aqui, amada.

— Se você não percebeu, amada, já deu a hora de você entrar na sua sala.

— Mal-educada, mano!

A garota entrou na sala, batendo os pés, furiosa. E o pé no saco da sala onde estudo aparece.

— Eita. Bom dia, o que deu nessa daí?

— Nada que seja da sua conta. A propósito, “bom dia”, por quê?

ESPERANÇA

Alana Driziê Gonzatti dos Santos

E mais uma entrava naquela lista. Passado, trancado em uma caixa, sem oxigênio para respirar. Estava morto mais um relacionamento. Após primaveras e outonos, suportou tanta coisa, quem poderia imaginar que aquela tempestade seria sua última? E agora – caos.

O coração vai entrando naquele estado de transe-proteção-total-contra-tudo-e-todos. Não quer mais se machucar. E alguém o culpa? As folhas caem e ninguém está lá para colocá-las de volta no lugar. Não é sequer possível, o que se esvai perde a vida tão rapidamente quanto um impulso mal dado ou uma palavra mal dita – maldita.

O tempo passa e a dor fica. Ele nem percebe, mas vai deixando passar um ou outro sorriso por entre as lágrimas. Ele nem vê que, de vez em quando, se encontra pensando em uma tal-qualquer-menina chamada Rosa. E, através de seus olhos cegos de Saramago, vê desabrochar no meio do asfalto um novo amor.

Quem diria que outra – perfeita – flor nasceria em meio a tão angustiante cenário?

SUPERSTIÇÕES

Eric Eduardo Alves Azevedo

Quando Maria acordou, ainda estava escuro e chovendo, o que era muito estranho para uma cidade do interior no mês de Setembro. Ela acordou com sua mãe gritando, pois já eram nove horas da manhã.

Depois da chuva, a mãe de Maria pediu para que a filha olhasse o leite e depois varresse a casa.

-Espero que limpe pelo menos a cozinha, quero tudo limpo quando eu chegar. -falou a mãe.

Maria começou a varrer, distraída, pois não tirava o olho do leite.

Enquanto isso, acidentalmente, Maria acabou varrendo o pé do irmão, que estava em frente à geladeira tomando água. Isso foi o suficiente para criar um conflito entre os dois.

-Sua burra! Por que você fez isso? -perguntou o irmão muito irritado e desesperado.

-Desculpa, foi sem querer, eu estava olhando o leite! -disse Maria.

-Agora ferrou tudo! Ela vai terminar comigo!

-Ela quem? Terminar o quê?

-Nada não...

-Você tá namorando?

-Lógico que não! Ela é apenas uma amiga minha. -falou o irmão, gaguejando.

-Se mainha souber, você tá lascado!

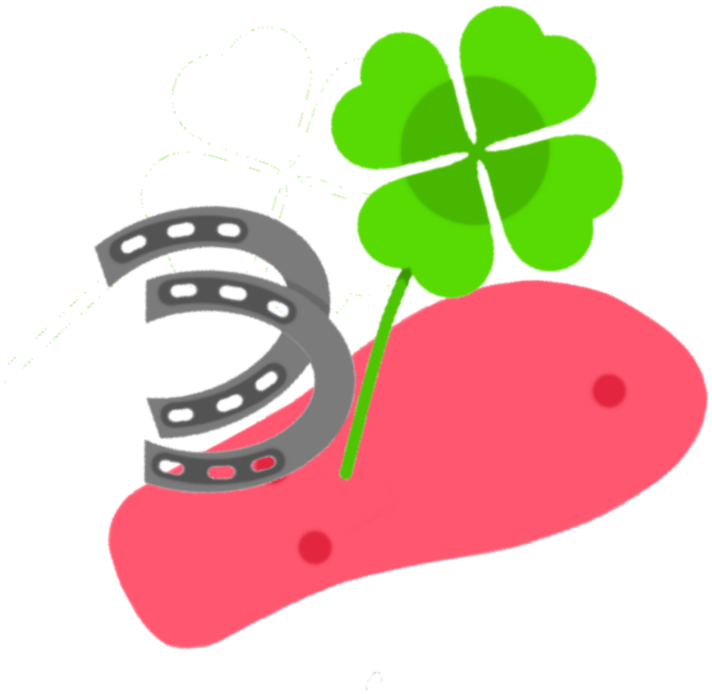
-Ela não vai saber! Você não vai contar pra ela, né?

Os irmãos começaram a brigar, até que a mãe chegou e vê a casa pior do que estava quando saiu, com os filhos brigando e o leite derramado.

-Alguém poderia me explicar o que aconteceu? -fala a mãe, calmamente.

Antes que os meninos falem, a mãe, com todos os seus instintos maternos, joga o primeiro chinelo que vê pela frente e leva-os para o quarto.

Algum tempo depois, a mãe começou a passar mal e os meninos, sem saberem o que fazer, chamaram uma tia que mora uma rua atrás. Assim que a tia chegou, sem ao menos entrar no quarto, já soube o problema. Ela se aproxima da cozinha, se abaixa e desvira o chinelo do irmão de Maria, que a mãe havia jogado contra os filhos.



A IMPERFEIÇÃO DE UMA PESSOA PERFEITA

Lucas Marcel Silva de Brito

Estou andando há tanto tempo que não sinto meus pés, não sinto mais o vento no meu rosto, não sinto calor e muito menos a areia desse imenso deserto pelo qual eu vago sem rumo. Observei tantos momentos diferentes da história que me cansei de observar os outros seres morrendo e se desintegrando no solo podre em que pisavam. Aquela voz na minha cabeça era a culpada de tudo.

- Por que eu? Logo eu que te dei tudo! Por que tenho que ser nomeado o culpado pela sua fúria?

- Eu te dei o poder e a força para executar qualquer coisa, conhecimento e sabedoria que muitos nunca terão, saúde e vitalidade para curar todas as feridas, harmonia e paciência para executar qualquer tarefa e a única benção que nenhum outro ser vivo tem, a imortalidade. Você é o ser mais perto da perfeição.

Não, ela não me deu tudo. Pelo contrário, deu-me absolutamente nada. Do que adianta poder e força, conhecimento e sabedoria, saúde e vitalidade e harmonia e paciência se não haverá um ser vivo com quem eu possa compartilhar tudo antes da hora da sua morte. Aquela criança que nascerá daqui a 20.000 anos... Eu não posso salvá-la, não posso tocá-la e muito menos fazê-la sorrir! Apenas posso observá-la e vê-la ser jogada ao rio Nilo. E mesmo que eu espere os 20.000 anos para salvá-la, ela ainda irá morrer um dia como todo ser vivo. Mesmo assim, todo dia, mês e ano, eu irei chorar com sua morte.

- Então me culpa pelas suas lágrimas? Me diga, então, o que é melhor. Ver todos ao seu redor morrerem e se sentir triste com isso ou morrer para que as lágrimas dos seus conhecidos caiam e molhem esse chão podre do qual fala tanto?

Mesmo assim, ela continua mentindo. Eu não conheço ninguém e a cada segundo que se passa os 20.000 anos se encolhem sem que ninguém me conheça, e eu continuo vendo a cena que ainda irá acontecer.

- Pois bem. Espere os 20.000 anos restantes, retire aquela criança do rio e apenas me peça, que eu irei presenteá-la com a imortalidade. Talvez assim você alcance a perfeição e tenha finalmente alguém para acompanhá-lo pela eternidade.

Pela primeira vez me sinto convencido com os argumentos dela. Aqui estou eu apenas observando, não irá demorar muito para que eu possa salvá-la da mortalidade.

- Agora, me responda, qual a diferença entre eu e você?

O silêncio adentra minha alma. Ela estava certa, eu estaria criando um reflexo de mim mesmo com um inimigo diferente. Com isso todo o sentido da minha vida escorre pelo meu corpo sem que eu possa fazer nada.

- Entendeu agora? Você é o sentido da minha existência, alguém com quem eu posso compartilhar todo meu poder e força, conhecimento e sabedoria, saúde e vitalidade e harmonia e paciência. Eu te dei tudo.

- Não, você não me deu o mais importante!

- Irá falar mais uma vez da patética imortalidade?

- Não, teve outra coisa que você não me deu!

- Então fale, que eu te darei mais rápido do que qualquer outro ser na terra.

- Eu quero um nome!

- Pois bem, seu nome será Nelk! O ser mais perfeito de todos os mundos.

- Errada mais uma vez. Meu nome será Klen!

- Por que me pede um nome, se já tinha um em mente?

- Porque para que meu nome seja perfeito para mim, primeiramente, ele deve ser o oposto de qualquer nome que você me indique.

- Pobre ser de carne. Quanto mais você tentar ser imperfeito, mais perfeito você será.

- Não se contenta em errar mais uma vez? Eu não quero ser perfeito e muito menos imperfeito, então não viverei por mim e sim pelos outros.

Com muito cuidado, eu retiro a pobre criança do rio, alimento-a com as melhores e mais nutritivas comidas do mundo, coloco-a na casa mais simples e confortável do universo e fico ao seu lado por infinitas gerações.

- Está vendo essa criança? Ela, sim, será perfeita! E todos que carregarem o sangue desse primogênito serão perfeitos!

- Está me dizendo que essa criatura imperfeita será mais importante que você?

- Primeira vez que você realmente acerta algo. E eu irei ficar vivo apenas para presenciar e proteger o futuro desse sangue que corre nessa criança, apenas para vê-la chegar ao pódio que você tanto almeja que eu chegue!

Anos e anos se passam e o sorriso daquela criança se estende por toda história... Judeu, africano, escravo, europeu, norte-americano e enfim brasileiro. Aquela criança passou por tudo mesmo depois da morte, enfrentou o racismo, lutou contra seus direitos e derrotou todos que considerava errado. Nunca foi rica, nunca teve nada demais. Apenas era uma criança perfeita.

- E agora que ela corre risco de vida? Você fará o que?

- Irei salvá-la como qualquer pai faria, seja de sangue ou não.

- Um ser nomeado tão perfeito precisa de sua ajuda?

- Pelo contrário mais uma vez. Ele não precisa de minha ajuda, eu que preciso da ajuda dele para continuar cada dia mais uma vez de pé.

- Então você recebe ajuda de um ser que nem te conhece?

Um silêncio toma conta daquela enorme rua. O que aquela voz não sabia é que a verdadeira perfeição dessa criança não é a simples normalidade, na verdade, está muito além disso. Essa criança, que agora compõe minha única família, tinha a maior de todas as bênçãos. Esquecer tudo que te faz mal no berço do tempo. Isso inclui até mesmo eu, o ser dito como perfeito. E, um dia, o tempo dirá a todos a verdadeira face da perfeição, mas eu apenas apontarei para essa criança.

O livro Ressonâncias de Papel, organizado pela professora Alana Driziê Gonzatti dos Santos, os discentes Maria Clara da Silva e Felipe Augusto de Souza Morais, contém crônicas e contos escritos pelos alunos das turmas 2QMIM, 2INF1V e 2RP2M do IFRN - Campus Macau. Entre os textos escritos, destacam-se as temáticas de romance, humor, mistério, jornalístico, policial, gótico e aventura. O processo de criação deste livro foi feito inteiramente pelos próprios discentes, desde a capa, revisão linguística e até mesmo as ilustrações contidas em cada texto.